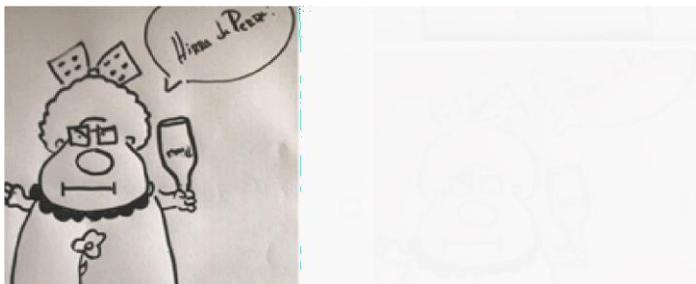




Fui chutada pelos meus pais e acolhida por minha avó. Minha avó jamais me chamou pelo meu nome, sempre me disse *Hija de Perra* e terminei me encantando pelo nome; sim, as pessoas me humilharam durante toda a vida. Isso é normal? Claro que sim. Quantas pessoas são humilhadas a vida toda? (*Hija de Perra*)

Escrevo a partir da feiura e para as feias, as camihoneiras, as frígidas, as mal-comidas, as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas do grande mercado da boa moça. E começo assim para que tudo fique bem claro: não me desculpo de nada, não vim aqui para reclamar. Não trocaria de lugar com ninguém, porque ser Virginie Despentes me parece um assunto muito mais interessante do que qualquer outro. (Virginie Despentes)



## Sumário

AGRADECIMENTOS .....	7
Apresentação do Dicionário I de Injúria.....	11
Amolador de Facas.....	50
Armário .....	52
Angela Diniz.....	54
Babaca.....	64
Besta .....	66
Bicha! .....	67
Bolsominion .....	68
Boqueteira .....	69
Burros.....	71
Cabelo Ruim .....	74
Cartografia .....	76
Corno/a .....	78
Crete.....	80
Cuzão/Cuzona .....	83
Desajustada .....	85
Desgraçada/o .....	88

Escandalosa.....	89
Endemoniado.....	90
Estranho/a.....	91
Fácil.....	93
Falso/a.....	94
Favelado/a.....	96
Filha/o da Puta.....	98
Folgado/a.....	100
Galinha.....	102
Gordo/a.....	110
Idiota.....	119
Infantil.....	122
Injúria.....	123
Inútil.....	125
loiô de Ex.....	126
Lesados.....	127
Lésbica.....	128
Louca.....	130
Macaco/a.....	132
Magrelo/a.....	137

Marmita .....	137
Mongol.....	140
Negra.....	142
Ninfeta .....	149
Novinha.....	151
Piranha .....	152
Porca .....	153
Preto.....	155
Prima .....	160
Puta/o .....	162
Resignificar.....	164
Reuniões Online .....	165
Riscos .....	170
Rodada .....	172
Safada.....	173
Sapatão .....	174
Sitiante .....	176
Traveco.....	178
Trouxa .....	180
Vaca.....	181

Vadia .....	183
Vagabundo/a.....	185
Velha .....	189
Verbete .....	190
Verme.....	192
Viado .....	193

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, sobretudo às mulheres, que lutaram para que eu pudesse ser a mulher que sou hoje. Agradeço à Mãe Natureza, por grandes encontros e presentes: sobretudo o querido orientador Alex e a querida Marília, que mais tarde se tornaria coorientadora deste trabalho. A dupla que, anos atrás, meu querido amigo Sergio Lima Nastasi dizia que poderiam me orientar no mestrado, porém, nem nos meus melhores sonhos, eu podia imaginar essas pessoas caminhando ao meu lado.

Hugo Allan Matos, por todo suporte e orientação durante meu processo de escrita do projeto de pesquisa e processo seletivo do PROF-FILO.

À equipe docente do PROF-FILO: Marinê de Souza Pereira, Paulo Tadeu da Silva e André Luis La Salvia, pelas leituras compartilhadas, exercícios, trocas e experiências.

Lea Tosold, Marília M. Pisani e Beto Canseco, pela (anti)disciplina ministrada: Corpo, Gênero e Sexualidade, que foi fundamental para a escrita da(s) sequência(s) didáticas, para repensar práticas didáticas e modos de ocupar a escola.

Carla Rodrigues e Patrícia Del Nero Velasco, pelas contribuições feitas no exame de qualificação, fase indispensável para a continuidade do processo de escrita deste trabalho e por terem aceitado compor a banca de defesa. Carla, pelas sugestões acerca do dicionário, sugestões estas que deu novo rumo para meu trabalho e para o que ele se tornou!

A todos os colegas do PROF-FILO. Paulo Fernandes, pelas trocas iniciais sobre injúria e educação! Joilson L. Oliveira, Felipe Santana e Felipe Teixeira, pelas trocas neste período pandêmico.

A todas as pessoas que contribuíram e contribuem para que o Mestrado Profissional de Filosofia, o PROF-FILO, exista desde as políticas públicas para a fundação da universidade e a todas as pessoas que mantém a UFABC;

Ao grupo de Estudo: Bússola e Ampulheta, que foi fundamental para a finalização deste trabalho.

Milka, Duda e Helen, pelas problematizações que foram o grande acontecimento para realização dessa pesquisa.

Agradeço a todas, todos e todes estudantes que passaram pela minha vida, desde aquela tarde de setembro de 2012, quando entrei pela primeira vez em uma escola pública como professora.

Agradeço tia Karina, tio Rildo e Gui, pela hospedagem e parceria nos momentos que precisei de um lugar silencioso e inspirador para escrever.

Gislene Moraes, Amanda Martins e Patrícia Augusto, por contribuírem com gravação de áudios, que foram disparadores durante a aplicação da(s) sequência(s) didática(s).

Às equipes das escolas em que trabalhei desde meu ingresso no PROF-FILO e contribuíram diretamente para que essa pesquisa ocorresse.

Agradeço aqui a todas as pessoas que contribuíram de algum modo com essa pesquisa: Erica Stevani, Rosemary Pontes, Fe Venturelli, Emília Domingues, Claudia Pires, Carolina De La Nieta, Isaac Gomes, Ana Carolina Campos, Maria Cristina Kronwarld, Bianca Darré, Bianca Vega, Carmelita Nascimento da Silva, Lilian Martineli, Luciana Brandão, Carla Soglia, Karina Campos, Elisete Augustini, Fatima Garcia, Tatiane Palomino, Sibebe Gomes de Carvalho, Silvia Barros, Camila Moura, Elisangela Martinez, Eliane Rovaron Hernandez, José Carlos Silva, Jéssica M. Leandro, Simone Silveira, Dagmar Romali, Miriã Silva, Eduarda Silva, Rebecca Dias, Helen Sarmento, Gabriel da Silva, Victor Andrade, Caio Chaves, Yuri Silva, Ester Pereira, Bruna C. Bussolleti, Artur Oliveira, Breno Ferreira, Breno José,

Debora Bethke, Jéssica Fernanda, Joyce Dias, Kauany Ayana, Mickaelle Ferreira, Lucas Augusto, Vitória Carvalho, Camily Silva, Emily Moura, Felipe Brandão, Geovana dos Santos, Isabela Oliveira, Kethelin Silveira, Luana Silva, Marcos Domingos, Thalita Andrade, Lucas Silva, Eliane Mendes, Cinthia Xavier, Sabrina Lima, Ruth Caroline, Nathan C., Giovana Monique, Maria dos Anjos Silva, Joyce de Oliveira, Jorcelina S. de Oliveira, Maria C. Ap. Oliveira, Severina D. Silva, Maria Dina da Silva, Heloísa de Oliveira Santos, Mateus T. de Oliveira, Ronildo M. de Oliveira, Rodnei M. de Oliveira, Mônica Toledo, Delma Pena de Oliveira, Danilo J. Martineli, Cleide D. Pimentel Martineli, Anna Giulia, Matheus T. de Oliveira, Marco Antonio, Ottavio Augusto, Enzo Luigi, Tintim, Sophia, Fátima, Martha, Mariana, Sol, Carlos Alberto, Francis Ferreira F. de Lima Souza, Letícia Tavares, Yasmin, Melquiades, Lucas Galvão, Felipe Moreira, Sandra M. Corazza (In memorian), Leandro Roque de Oliveira, Sandra Donati, Lucilene Cavalini, Pedro Augusto, Vanessa C. Garcia Mota, Ingrid Regini, Marcio Oliveira, Maria de Fátima da Silva, Fabiano Ramos Torres, Suze Piza, Bruno Reikdal, Washington Luiz de Souza e Daniel Santos Souza.

## Apresentação do Dicionário I de Injúria

Por Nathalia de Oliveira e Marília Mello Pisani

*Do ponto de vista da experiência, (...) o importante é a exposição, nossa maneira de expormos, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. (...) O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. (Jorge Larrosa)*

*Fazer da sala de aula um espaço público não é fazê-lo hostil e desagradável, mas é fazer dela um lugar exigente, onde o que importa não é o “eu privado” de cada um, mas o “eu público e em público” algo que supõe uma certa circunspeção, uma certa responsabilidade, uma certa compostura, uma certa distância, uma certa seriedade, um certo sentido de respeito, e também, obviamente, de obrigação. Nesse sentido, creio que a tarefa do professor e dos estudantes (desde que aceitem esse pacto do público e “em público”) tem a ver com manter e sustentar essa esfera pública. (Karen Rechia & Jorge Larrosa)*

Isto é um dicionário! Mas não quer dizer que você abrirá em uma página e encontrará um rebuscado xingamento para usar contra sua professora, que na semana passada deu uma prova surpresa em uma reunião on-line e ainda pediu para deixar as câmeras abertas, voltadas para seus rostos, mãos e prova. [Você deve estar se perguntando – Como vou deixar a câmera voltada ao mesmo tempo para meu rosto e para minhas mãos enquanto escrevo? Fique você sabendo que é bem provável que quem lhe pediu isso também não saiba como fazer, até porque quem criou a sala de reunião para ela foi alguém na mesma faixa etária que você: filha, sobrinha ou se ela não tem ninguém nessa faixa etária em casa - *o que faz bastante sentido quando se é professora* - foi uma estudante prestativa. Isto que ela solicitou - *ainda sobre as câmeras* - foi ideia de pessoas que estão encantadas pelas mazelas do ensino híbrido dos cursos oferecidos pela “Fundação Cena” e “Instituto Lima”. Qual justificativa para aplicação de provas no período pandêmico - o que já é patético - com as câmeras abertas? Precisamos de indicadores reais, que contribuam para a retomada das habilidades

necessárias para um bom desempenho nas avaliações externas].

*Onde eu estava mesmo?*

Ah! Falávamos sobre o que você não vai encontrar neste dicionário!

*Você não encontrará injúrias inéditas - sua professora também não encontrará nenhuma injúria “diferentona” para xingar essas pessoas que “acreditam” em “indicadores reais” - que você poderá usar e que ninguém saberá. - Não tente usar esse dicionário com o mesmo propósito das suas aulas de línguas: – Professora, como eu xingo meu irmão em alemão?*

As injúrias aqui presentes são palavras bem comuns em nosso cotidiano: em nossas casas, nossas escolas, na boca dos nossos colegas, professoras, professorias e professores, pais, mães, avôs e avós. *Sim! Avós! Ou você acha que elas não falam palavrão? Podem não falar na sua frente. Ou como minha avó fala, tão rápido e delicado [no melhor mineirês que ela é capaz], que você demora a entender que aquele fidapu... [quando se queima no fogão] tem a mesma intenção do sonoro “SEU FILHO DA PUTA” saído da boca da minha mãe.*

Se esse dicionário tivesse sido escrito sobre as “injúrias proferidas pela minha mãe”, sobretudo quando

vai xingar o atual ocupante da cadeira da presidência da república, que estocou cloroquina e deixou de comprar vacinas, deste modo, você encontraria palavrões inéditos. Porém, este dicionário não trata das injúrias criadas por minha mãe, então nada de injúrias inéditas aqui.

Você deve estar pensando: – O que então vamos encontrar aqui?

Sinônimos? Não! Não encontrarão sinônimos.

Antônimos, termos derivados ou relacionados? NÃO!

Então, esse seria mesmo um dicionário? Se sim, que dicionário é esse?

\*

Este dicionário compõe a dissertação de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), realizada na Universidade Federal do ABC, entre os anos de 2019 e 2021. A dissertação tem como título: “Corpos injuriados na escola, problematizações para o Ensino de Filosofia”, e está dividida em três partes:

I - Introdução que narra, mapeia, descreve o(s) cenário(s) em que a pesquisa ocorre. Neste primeiro capítulo, é retomada a história de infância da pesquisadora e de como os discursos que vinham da escola atravessavam a sua constituição de gênero, como "mulher", e como isso foi vivenciado ao se

tornar professora. Esse capítulo narra a trajetória de uma criança que brinca de dar aulas até se tornar a professora que realiza propostas e que participa da comunidade escolar com tudo aquilo que constitui as singularidades. Nesse percurso, muitas contradições marcaram as fantasias, o encontro com as pessoas, os sonhos e as decepções. Esse espaço contraditório, ser estudante e ser professora, é a chave para as questões que mobilizaram a pesquisa em torno das injúrias na escola.

II – Uma breve análise dos materiais produzidos pelo programa “São Paulo Faz Escola” acerca de como aparece a discussão de gênero. Neste capítulo nos dedicamos a avaliar três materiais didáticos de filosofia da segunda série do ensino médio referentes ao segundo semestre, num período de tempo que cobre os anos de 2008 a 2019, ou seja, as três versões desses materiais. O primeiro material é do ano de 2008, utilizado pela pesquisadora quando ainda era estudante da segunda série do ensino médio. Ao se tornar professora, em 2012, as apostilas eram as mesmas. Em 2015 apareceu uma nova versão e em 2019 o material passou por mais uma reformulação. Assim, do primeiro material para o segundo teria havido uma melhora, segundo avaliação apresentada na dissertação. Na versão de 2008/2012 o material continha textos desconectados

dos seus exercícios. Quando olhamos para as questões percebemos que os textos são ineficientes, que ficam na superficialidade, à mercê de um vazio de informação e tendo como únicos recursos as experiências individuais e as opiniões. Desse modo, esvazia-se a possibilidade de fazer qualquer tipo de problematização que ponha em pauta questões sobre gênero.

Na segunda versão, parece haver um salto qualitativo. As temáticas de gênero estão contidas nas leituras, mas os exercícios não provocam nem incitam o pensar e o questionar, de modo a produzir reflexões e problematizações a partir dos textos apresentados. Não fazendo com que a comunidade estudantil se questione, se implique e, assim procedendo, tome consciência de sua condição de opressão diante da heteronormatividade. O material não abre a discussão para lidar com as diferenças. Não traz exercícios que possibilitem um trabalho sobre, por exemplo, o que Simone de Beauvoir fala. O que pensar de frases como "todas as pessoas são iguais"? Faltam exercícios que problematizem a(s) filosofia(s) e como ela(s) contribue(m) para a desconstrução da estrutura machista e colonial.

Já o terceiro material vem profundamente empobrecido, pois não traz os textos e mantém os exercícios completamente despolidizados e descontextualizados. A primeira impressão foi ruim. Mas

o exame reflexivo do material foi ainda pior. Qual a proposta desse novo material? O que se pretende? Encontramos exercícios esvaziados de propósitos, desviando qualquer tentativa de imersão no foco problemático, em prol da expressão livre de opiniões, o que nos faz refletir sobre as políticas educacionais atuais e suas cínicas intenções de manutenção e reforço da moral conservadora.

Questões importantes aparecem como ilustrações, dentro de caixas de textos coloridas. Os textos de Judith Butler, Simone de Beauvoir, Alicia Puleo, Olympe de Gouges e Michel Foucault desapareceram dos materiais didáticos nesse percurso que avaliamos. As ilustrações apresentam os problemas, mas não possibilitam uma discussão fundamentada no debate de ideias, justamente porque os argumentos apresentados pelos textos filosóficos foram substituídos por atividades de livre expressão de opiniões.

Importante notar que este capítulo menciona a questão da representatividade das mulheres na história da filosofia, algo que tem sido muito importante nos movimentos institucionais dos últimos cinco anos na filosofia brasileira. Mulheres filósofas têm agido dentro das instituições tanto impulsionando o reconhecimento das filósofas esquecidas, quanto se engajando em pautas interseccionais.

Este trabalho reconhece esse movimento. No entanto, o que percebemos é que apenas incluir mulheres no material didático pode ser despotencializador se não vier com uma prática didática que permita uma discussão mais efetiva, que engaje a comunidade estudantil e escolar. A segunda versão do material, ainda que traga textos melhores, exigiu um trabalho dedicado sobre os exercícios e as atividades, pois apenas a inserção de textos de(s)coloniais, de mulheres negras ou o debate de gênero não é suficiente quando não mobiliza cada pessoa nesse espaço a repensar a si própria em relação ao acolhimento da alteridade e da diferença e ao processo ético que envolve, nesse caso, a observação e a escrita. A desconfiança que estava na base deste trabalho era a de que o mero trabalho textual, que não implica cada uma das pessoas envolvidas na discussão a repensarem a si mesmas, não realiza aquilo que pode o gênero (e o trabalho com a diferença) no ensino de filosofia e na educação. Assim, o capítulo seguinte apresenta algumas das propostas de práticas pedagógicas que inventamos, para além do trabalho textual.

III - Este capítulo traz o percurso didático construído e vivenciado por estudantes da segunda série do ensino médio da(s) escola(s), no ano de 2019 e a experiência com a equipe docente e gestora dessa(s) escola(s) em encontro realizado via aplicativos de reunião *on-line*, em 2020. Esse percurso didático foi o movimento necessário para a construção deste dicionário. Por isso, vamos ver mais de perto como foi possível a feitura deste dicionário a partir das práticas didáticas experienciadas.

O “dicionário I de Injúria” é composto por diversos textos em formato de verbetes. São textos performados por várias vozes. São narrativas construídas ao longo das aulas de filosofia, que contam com a contribuição de uma série de pessoas que vivenciam o espaço escolar. São pessoas de diferentes idades, identidades de gênero e religiões. Esses textos foram produzidos junto à comunidade escolar de escola(s) pública(s) da cidade de São Bernardo do Campo - SP, entre agosto de 2019 e outubro de 2020. (Comunidade na qual a pesquisadora nasceu e ainda vive, lecionando desde 2017 em diferentes escolas públicas da região). Essas aulas de filosofia tiveram como tema central os corpos e foram montadas mobilizando diferentes materiais. O tema havia sido escolhido no início da pesquisa, com o recorte específico do corpo feminino.

No entanto, ao longo das pesquisas e das interações em sala de aula, percebemos que o recorte no corpo feminino não daria conta da complexidade das experiências vivenciadas pela comunidade estudantil. Corpos discentes, corpos dissidentes, corpos reais, corpos que ocupavam aquele espaço escolar. Durante a construção das aulas, algumas escolhas precisaram ser feitas. De quais corpos iríamos falar? Quais corpos circulavam nesse espaço? Quais corpos não apareciam? Quais corpos eram vistos como corpos abjetos? Vamos narrar, a seguir, quais foram os movimentos e experiências desta pesquisa para que esse dicionário tenha se tornado possível. Pois não apenas as atividades com o grupo de estudantes subjazem este material, mas também o encontro com pessoas e experiências, dentre as quais, aquelas propiciadas pelo espaço do mestrado profissional em filosofia, o PROF-FILO. O Mestrado Profissional em Filosofia propõe-se a pensar o Ensino Filosofia a partir das experiências profissionais dos professores em seus ofícios cotidianos, com suas invenções didáticas, que raramente são tomadas como problemas para reflexões mais aprofundadas. Por isso, este espaço parecia propício para testar práticas didático-pedagógicas em torno de temas como o conceito de gênero. Numa primeira versão do projeto de pesquisa,

o tema dos corpos dissidentes era o centro dos interesses. Tema esse pensado com Foucault: corpos dissidentes seriam aqueles que não se encaixam naquilo que a escola pretende formar. Com a chegada ao mestrado profissional, perguntas e questões foram aparecendo: o que significa, como mulher, falar de/ com corpos dissidentes? Será que o "lugar de fala" não seria um entrave para essa multiplicidade que se pretendia trabalhar? Frente a isso, duas experiências aconteceram simultaneamente: uma pesquisa mais detida na questão do corpo feminino e a participação ativa na semana do Dia Internacional da Mulher, ocorrida na escola entre fevereiro e março de 2019. Assim, a própria experiência na escola foi ampliando o conceito de corpo e incluindo muitos outros corpos, também violentados e violados em certos contextos, como corpos de pessoas transgêneras e transexuais, corpos gordos, corpos masculinos afeminados, corpos racializados, etc.. Logo, percebemos que não era mais possível tratar apenas dos corpos femininos, porque ao falar só do corpo feminino estaríamos negando as violências (e experiências) sofridas (vivas) por outros corpos e, nesse sentido, estaríamos reinscrevendo o apagamento e o silenciamento que se pretendia recusar.

A partir disso, o projeto se expandiu e encontrou alguns caminhos que foram permitindo tecer os problemas desta pesquisa. Em 2018, começamos a trabalhar na orientação com um livro decisivo para esta pesquisa: o trabalho de Didier Eribon, “Reflexões sobre a questão gay”, especialmente a primeira parte do livro intitulada “O mundo das injúrias”, onde o autor conta a vivência da injúria como homem gay no interior da França. Como a injúria opera? O que ela produz dentro e fora de nós? Como ela marca a subjetividade? Tudo isso remeteu às vivências escolares, às coisas que ouvimos e que vão nos reduzindo àquilo que nos marca a partir da injúria. Na sequência do livro, o autor apresenta formas de resignificação da injúria de modo a evitar reduzir a pessoa injuriada à vítima, colocando-a novamente numa posição passiva, como sujeito capaz de reverter a coação produzida pelo discurso injurioso em uma estética da existência que marca a trajetória de um corpo dissidente. Afirma-se, assim, a própria injúria em favor da criação de uma subjetividade diferencial. A partir daí passamos a imaginar o que se poderia fazer com essas ideias de Eribon para trabalhar com as questões próprias do espaço escolar, e como ativar a resignificação das injúrias, invertendo-as em nome de um movimento de liberdade. Ou seja, com Didier Eribon entendemos

como a injúria opera e imaginamos que seria possível testar algumas práticas para tentar pensá-las e revertê-las. Essa obra tornou-se, portanto, estruturadora das práticas realizadas durante a pesquisa. Desse modo, a partir do ano de 2019, sob a influência de Didier Eribon, passamos a pensar o espaço escolar sob a ótica da injúria. E aproveitando o início do ano letivo e das atividades diagnósticas, começamos a trabalhar na construção de um inventário.

O que sempre acontece em início de ano letivo nas Escolas em que a pesquisa foi realizada é a retomada, durante as primeiras atividades, não só do conteúdo das disciplinas do ano anterior, mas também das habilidades previstas no currículo do ano anterior. (Hoje, após a BNCC, a noção de conteúdo é chamada de objeto de conhecimento. Essas semanas são chamadas de avaliação diagnóstica de entrada, quando são utilizados diversos instrumentos avaliativos). Nesse momento, com essa abertura do espaço temporal da escola e essa pequena suspensão do tempo, começamos a testar algumas atividades, exercícios de pesquisa e observação do espaço, para identificar o que seria o foco desta pesquisa. Esse momento foi decisivo porque, a partir dessa atividade com a comunidade escolar, foi possível definir o que seria interessante e importante como foco da pesquisa.

Esse momento foi utilizado para testar algumas propostas e constituir um inventário a partir do material que ia sendo coletado. Essas atividades eram pensadas, portanto, para produzir um arquivo que fosse útil para a pesquisa e seu prosseguimento.

O material coletado foi constituído por textos escritos por estudantes, desenhos, trabalhos criativos como poesia, atividades livres dentro das temáticas oferecidas por mim: como estávamos trabalhando com o Dia Internacional da Mulher, trabalhamos as temáticas de gênero, violência, feminicídio, machismo estrutural, etc.. Nesse momento foi possível trazer temas que nem sempre tinham espaço durante as aulas. Seguindo a estrutura do material "São Paulo faz Escola", lançamos questões, tais como: "o que é injúria para você?", "o que é estigma para você?". Usamos pesquisa em dicionários, em dicionários *online*, e juntas, juntas e juntos íamos recolhendo sentidos e significados de como essas palavras circulam no imaginário social. Depois, ao longo das aulas, foram sendo testados alguns exercícios: sobre a construção de gênero, desenhamos e representamos mulher, homem, gato, livro... e observamos como o desenho carrega o imaginário social. Mulheres representadas de modo bem estereotipado: cabelos compridos, loiras, olhos azuis e magras. Mas também foi possível observar as

desconstruções em outros desenhos: corpos sem rostos, sem cabelos, fora dos padrões estéticos. Estas propostas didáticas ocorriam sempre ao final de cada aula. Esse exercício se estendia pela semana e eu recolhia na aula seguinte. Com esse material, criamos uma exposição, com mostra de desenhos, poesias, cartazes de protestos e palestras organizadas pela comunidade escolar. E enquanto tudo isso acontecia, ia sendo registrado. Registramos o impacto e as repercussões desses trabalhos na comunidade, visto que essas atividades feitas em sala de aula adentraram os demais espaços da escola, como pátio principal, corredores. Ao mesmo tempo, foram feitas fotografias das portas e paredes dos banheiros, para registrar uma amostra das imagens que circulavam na escola, no momento mesmo em que se realizavam as atividades. O banheiro é um espaço muito singular na escola, um lugar de intimidade, troca, de diferentes níveis. De xingamentos e injúrias a desejos de liberdade e declarações de amor. O primeiro bimestre terminou em abril de 2019 e, com esse inventário em mãos, foi possível reescrever o projeto para a disciplina de “Seminário de Projetos” e redefinir os objetivos da pesquisa. Esse foi um momento para debruçar-se sobre o inventário, revisitando-o para observar as diferentes nuances, os corpos que

aparecem nesse inventário (nesse momento específico) e aqueles que não são visíveis (corpos que não circulam nesse momento), o que permitiu reorganizar o processo de pesquisa. Tudo o que aconteceu na sequência desta pesquisa foi o desenvolver de atividades para além das apostilas, construindo com total liberdade os recortes de textos, os materiais e os exercícios. Naquele ano, a apostila foi deixada totalmente de lado.

Com esse diagnóstico em mãos e as temáticas decididas, além de definidas as turmas com as quais trabalharia ao longo do terceiro bimestre de 2019, faltava ainda a criação dos exercícios e da sequência didática. Em relação a essa questão, houve um acontecimento decisivo para a trajetória desta pesquisa. Em junho de 2019 participei, como estudante especial, da disciplina optativa da licenciatura em Filosofia, intitulada "Corpo, sexualidade e questões de gênero", oferecida pela primeira vez como parte do novo projeto pedagógico (aprovado em 2016), cuja ementa foi criada pela orientadora e pelo orientador desta pesquisa. O encontro com essa disciplina e com as pessoas ali presentes foi a grande chave para o que viriam a ser as atividades didático-pedagógicas que subsidiaram a construção deste dicionário. Essa disciplina abriu possibilidades imaginativas para a construção das propostas didáticas, uma vez

que o foco da disciplina não era os textos, mas a mobilização de diferentes disparadores de escrita, ou seja, materiais de qualidades narrativas diversas que tinham a intenção de nos afetar e nos fazer vivenciar aquilo que os textos nos fazia pensar. Esta disciplina foi muito diferente de tudo que já havia vivenciado na academia. Primeiro, a disciplina era partilhada por três docentes ao mesmo tempo, o que alterava o lugar da representação docente. Segundo, estávamos no espaço do laboratório didático, espaço que quebrava a configuração da sala de aula. Terceiro, a forma que a aula acontecia permitia que as pessoas ali envolvidas pudessem efetivamente se afetar, participar, sentir-se junto numa construção didática que mobilizava recortes textuais, filmográficos, imagens e exercícios. Todo esse material nos punha a sentir, a falar e, sobretudo, a escrever. Escrevíamos muito durante a aula e essas escritas semanais visavam nos fazer acessar temas delicados, criando um espaço de intimidade, reflexão e pensamentos que nos implicava nos temas da disciplina. Foi nesse momento que ficou clara a potência do uso do diário. Porque ele é um registro que estabelece um marco temporal, permitindo recuperar, ao final de um percurso, uma vivência na escrita, posteriormente transformada em uma escrita de si. Era admirável a coragem de tratar daquelas temáticas no contexto político e histórico em que estávamos vivendo, o modo como construíram o percurso e a possibilidade de criação (enquanto

estudantes) a partir daquilo que o grupo docente já havia criado<sup>1</sup>.

Assim, paralelamente às vivências na disciplina “Corpo, Gênero e Sexualidade”, que ativavam a vontade de continuar escrevendo e pensando as provocações da aula, iam sendo produzidas as sequências didáticas realizadas nesta pesquisa e, a partir do inventário, iam sendo montadas as aulas e os recortes. Neste momento as temáticas das aulas já estavam decididas: *Corpos Gordos, Corpos Negros, Corpos Trans, Corpos Lésbicos, Gays e Bissexuais*. Essas temáticas eram as que apareciam no material inventariado. É provável que se fossem em outra comunidade, outros corpos poderiam ter aparecido. Esses são os corpos que estavam em evidência naquela comunidade, naquele período. A partir dessas temáticas foram selecionados os materiais de textos, filmes, músicas, poesias, textos não-filosóficos e filosóficos<sup>2</sup>. No trabalho em sala de aula foram

---

<sup>1</sup> As professoras responsáveis pela disciplina eram Alberto (beto) Canseco, Léa Tosold e Marília Mello Pisani.

<sup>2</sup> Ao longo das aulas lemos: Djamilia Ribeiro, Angela Davis, Chimamanda Ngozi Adichie, Gabryela Rocha, ouvimos Vitória Santa Cruz declamando, assistimos o filme “Uma mulher Fantástica” (Sebastián Lelio. Chile, 2017), cenas da série “13 porquês” (Brian Yorkey. Estados Unidos, 2007) escutamos “Balada de Gisberta” na belíssima voz de Maria Bethânia, ouvimos “Cota não é esmola de Bia Ferreira”, o disco AmarElo de Emicida, música “Dona de Mim” e “Pesadão” da Iza, “Meninos e Meninas” e “Faroeste Caboclo” da Legião Urbana e “Alucinação” e “Sujeito de

utilizados textos de filosofia de(s)colonial e textos escritos por pessoas não-brancas, não-cisgêneras, não-heterossexuais. Pessoas que escrevem e pensam a partir do Sul Global. Porém, não bastava ler, assistir ou ouvir. A passividade não seria aliada neste trabalho. Era preciso implicar aqueles corpos, aquela comunidade. As propostas didáticas foram construídas no sentido de produzir uma implicação dos corpos e subjetividades, fazendo com que esses textos nos atravessassem de alguma maneira, nos fazendo sentir e pensar. E a preparação dessas atividades era fundamental. A cada recorte lido, assistido ou escutado, fazíamos um exercício de escrita ou de criação. Os exercícios ocorriam nos diários individuais (cada estudante, ao invés de um caderno de filosofia, possuía um diário). Por exemplo, o primeiro exercício ocorreu de maneira anônima: cada pessoa da turma respondia a três questões (que aparece ao fim desta apresentação, na figura III) em uma folha individual e colocava em uma urna com um cadeado. Essa ação ritualizada garantia a segurança da intimidade, um espaço de inviolabilidade. Além dos diários individuais, tínhamos um diário coletivo, que semanalmente era adotado por alguém para o registro

Sorte” de Belchior. Lemos a poesia “O peso das Palavras” da estudante E. P., e o depoimento acerca da lesbofobia de uma professora de uma das escolas que prefere não ser identificada.

da aula. As perguntas eram voltadas para as pessoas ali presentes, a partir dos modos que viviam, agiam e reagiam acerca da injúria. Esse movimento aconteceu por semanas. Logo no início esse dicionário começou a ser criado sem muita forma, mas já era um dicionário.

Além das experiências didáticas vividas na disciplina "Corpo, Gênero e Sexualidade", também foi apresentado o dicionário "P de Professor", de Jorge Larrosa e Karen Rechia. Este foi um novo encontro, encontro com uma nova escrita e a grande inspiração para a construção deste "Dicionário I de Injúria".

A primeira leitura do dicionário "P de Professor" causou espanto: um verbete, uma palavra, "mas o que é isso?". Aquilo instigou a prosseguir na leitura dos demais verbetes que compõem o livro, tendo sempre a inquietação sobre esse estilo e formato discursivo. Aos poucos foi ficando claro que o livro trazia um formato interessante feito a partir do diálogo entre uma professora e um professor, Karen e Jorge, construído em torno das práticas em sala de aula: o que acontecia, o que se pensa ao propor um exercício, como lidar com as dificuldades das salas lotadas, qual a relação dos textos com as perguntas que guiam a aula, etc.. No segundo semestre de 2019, esse mesmo material

foi utilizado pelo professor orientador desta pesquisa, na disciplina “Laboratório de ensino de filosofia” e então, de fato, o dicionário fez todo sentido.

Frente à necessidade de apresentar uma parte desta pesquisa na disciplina “Seminários de Pesquisa”, em agosto de 2019 precisei organizar um primeiro material a ser publicizado. Como apresentar aquilo que se faz em sala de aula, como falar e escrever sobre essa cotidianidade do ofício? Para isso foi feita uma primeira organização das sequências didáticas e dos primeiros resultados dos exercícios de escrita realizados na escola. Foram incluídas as sequências didáticas e a escrita de verbetes. Na releitura do material foi surpreendente ver que não apenas a injúria aparecia, mas também a ressignificação de que falava Didier Eribon. Há algo na maneira de se fazer um verbete que parece fazer e produzir uma ressignificação da injúria pela escrita.

Como montar e apresentar esses verbetes? Ao justapô-los, percebemos que seria possível montar um material constituído por diferentes verbetes e esse material foi chamado de "dicionário ilustrado I de Injúria". Um dicionário que marca a tentativa de dizer sobre as palavras que não restringem os sentidos, mas ampliam os diferentes significados que cada estudante

pode produzir como resultado de tudo que foi mobilizado na sala de aula. Num primeiro momento, era difícil imaginar que esse dicionário poderia se configurar como um material para um mestrado, pois tradicionalmente aprendemos que uma dissertação de filosofia é um texto com conceitos, muitas referências e referentes filosóficos. Mas, como pesquisa produzida dentro do Mestrado Profissional em Filosofia PROF-FILO, e com apoio das orientações, foi possível ressignificar não apenas as injúrias, mas o próprio resultado de um trabalho no ensino de filosofia.

Assim, o dicionário é composto por uma primeira camada de textos produzidos pelo grupo de estudantes que participaram das aulas de Filosofia no Ensino Médio. Mas há uma segunda camada narrativa. Depois do exame de qualificação, onde foi apresentado um texto dissertativo e uma primeira versão deste dicionário, foi sugerido pela professora Carla Rodrigues (que compunha a banca junto com a professora Patrícia Del Nero Velasco) que se ampliasse a abrangência deste dicionário considerando outras pessoas da comunidade escolar, visto que, como ela bem notou, as violências e injúrias atravessam todo o corpo escolar, entre estudantes, docentes, equipe de apoio, agentes de organização escolar e equipe gestora, como se a escola fosse uma micro sociedade que nos

permite ver a violência social mais estrutural. Então, foi decidido ampliar a pesquisa no ano de 2020, no meio da pandemia, quando estávamos sem contato presencial. Quando entendemos que seria mesmo possível fazer uma nova atividade, abrir um novo ciclo de escrita de verbetes, um novo desafio nos colocou a pensar em como dar conta, nesse contexto, da complexidade de produzir exercícios de escrita, com temas tão delicados, em apenas uma tarde, sendo que com o grupo de estudantes trabalhamos por quase 2 meses.

Retomamos o texto do primeiro capítulo da dissertação, onde aparece a narração de uma cena na sala dos professores em que se discutiam o caso do assassinato de Ângela Diniz e onde apareciam profundos preconceitos machistas, enunciados por homens e mulheres. Essa passagem é bastante elucidativa acerca de como as injúrias são parte naturalizada do nosso cotidiano, seja entre discentes, seja entre docentes. De posse dessa memória tão marcante, foi selecionado o que parecia ser o essencial para disparar uma escrita. Com a ajuda da equipe de gestão escolar, reunimos um grupo de docentes e usamos o espaço do ATPC. A equipe gestora encaminhou o material preparado:

o texto de Didier Eribon, a ser lido antes do encontro e dois exercícios, um de observação e um de escrita, que

deveriam ser enviados antes do encontro. O primeiro exercício trazia o seguinte enunciado: "(1) Relembre (e descreva) alguma situação real em que você tenha presenciado uma situação de injúria (pode ser sobre você ou sobre outra pessoa)"; "(2) Observar e registrar como as injúrias operam nos espaços em que você vive. Neste contexto de pandemia, em que nossa circulação está limitada, vale observar as redes sociais e mídias gerais (séries, noticiários, novelas, e outros que tenha acesso)". No dia do encontro, foi feita uma fala inicial apresentando e retomando os objetivos da pesquisa, os protocolos éticos de participação na pesquisa e uma primeira versão do "Dicionário I de Injúria", feito à mão. Na sequência, abrimos a conversa sobre o texto de Eribon e sobre os exercícios escritos. Mas a conversa não implicava as pessoas ali presentes, que falavam das injúrias como algo que não lhes pertenciam. Parece que a sugestão de mobilizar filmes e séries produziu uma fuga para discursos estereotipados e clichês, reproduzindo, por vezes, uma violência social não pensada. Então foi usada uma noção que havia sido muito impactante nas aulas com o grupo de estudantes, para que algumas atividades com a injúria funcionassem ativando a implicação dos sujeitos com o tema. Trata-se da concepção de "amolador de faca", desenvolvida pelo psicólogo Luiz

Antonio Baptista, no texto "A atriz, o padre e a psicanalista – os amoladores de faca". Lemos um trecho do texto e percebemos que cada vez que direcionamos um xingamento a alguém, que fazemos uma piada ou que usamos uma palavra que ofende, inferioriza, humilha, estamos, nessa repetição contínua, preparando o caminho para que essa violência, enunciada como ato de fala, se torne, em algum momento, uma realidade: "O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui alguns aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos" (BAPTISTA, 2011, p.46). Injúrias, xingamentos, troca de farpas, ofensas, ou qualquer outro nome que se queira dar, estão presentes em espaços escolares. Palavras de ofensas podem ser escutadas e executadas diariamente nas escolas que pertencem à nossa comunidade. O modo como nos xingamos diz sobre os preconceitos, intolerâncias e "valores", os corpos que "importam" e os que não importam, corpos que têm o direito de viver e os que devem morrer. Podemos recuperar de nossas memórias algumas lembranças de escola:

- *Viadinho!*
- *Seu pai!*
- *Vai tomar no cu!*

– *Vai você seu babaca!*

Depois dessa leitura e da explicação da noção de amoladores de faca para o grupo de docentes, passamos a uma terceira atividade, seguindo o roteiro preparado. Foi então que este roteiro, pensado minuciosamente numa sequência de comandos de disparadores, conversa e escrita, produziu algo. O que aconteceu no encontro?

Foram selecionados trechos do *podcast* “Praia dos Ossos” para escutarmos coletivamente. Essa escuta coletiva é parte fundamental do trabalho de elaboração da questão da injúria, pois quando se está junto é preciso olhar no olho, humanizar e humanizar-se. O *podcast* de Branca Viana e de Flora Thompson-Devaux narra o caso do assassinato de Ângela Diniz ocorrido na famigerada praia. Nesse *podcast* pudemos ouvir um pouco da história do assassinato de Ângela, os discursos públicos sobre ela e sobre o assassino, que tomaram os meios de comunicação de massa, tornando-se assunto cotidiano nas casas brasileiras. O que chama a atenção é o modo como os advogados do assassino e a opinião pública responsabilizaram Ângela pelo próprio assassinato, mobilizando injúrias para transformar a vítima do assassinato em responsável por sua própria morte: já que ela não era uma “mulher direita”. Essas injúrias marcam o corpo das mulheres como espaço de

posse e controle numa sociedade patriarcal e machista. As palavras que ouvimos traziam diversas injúrias e discursos que também reproduzimos e escutamos em nosso cotidiano. A partir desses áudios conversamos sobre essas injúrias que marcam a experiência de ser mulher no Brasil. Tínhamos muitas pessoas presentes na sala, a maioria mulheres, mas apenas duas professoras se lembravam de Ângela Diniz. Discutimos um pouco sobre como aquele *podcast* se relacionava com o texto de Eribon e Baptista e foi solicitado um exercício de escrita: Quais injúrias funcionam em uma cena de crime como essa? A seguir, lemos um trecho do texto de Eve Sedwick, “Epistemologias do Armário”, no qual a autora conta a história de professoras e professores que foram demitidos e processados simplesmente por causa de suas orientações sexuais ou identidades de gênero. No texto a autora apresenta-nos a história desses processos, a repercussão pública, trazendo trechos de discursos que apontavam esses docentes como amorais e, portanto, incapazes de ensinar e conviver com jovens nas escolas. Com ele, pudemos problematizar as diferentes injúrias que circulam na escola contra mulheres, mas não apenas. O grupo foi provocado a escrever sobre algumas perguntas, pois a escrita é muito mais efetiva do que a

palavra falada para tratar de temas íntimos e delicados como é o caso deste: "Quais injúrias em relação aos professores este texto apresenta? Existem outras injúrias que vocês se lembram? (por exemplo, religião, geração, físico etc.)".

Após o exercício de escrita, foi apresentada, pela primeira vez, a “Cortina dos Afetos”. Uma atividade realizada com o grupo de estudantes no bimestre anterior. A intenção era mostrar para aquele grupo de docentes as ambiguidades e contradições que vivem os discentes nas escolas, e fazer isso com o objetivo de desconstruir a oposição entre ser discente e ser docente, mostrando como esse tema toca a todas, todes e todos, causando muito sofrimento. A cortina teve como inspiração o "pano de imanência" de Fabiano Ramos Torres<sup>3</sup>.

O objetivo da cortina era fazer inscrições que gostaríamos de ver em nossa escola, diferente daquilo que estava presente nas pichações dos banheiros, paredes, carteiras, etc.. Todo fim de aula a turma ia para as cortinas que estavam penduradas no

---

<sup>3</sup> TORRES, Fabiano Ramos. Travessias do beco: a educação pelas quebradas. Orientação Celso Fernando Favaretto. São Paulo: s. n., 2016. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22122016-111748/publico/FABIANO\\_RAMOS\\_TORRES.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22122016-111748/publico/FABIANO_RAMOS_TORRES.pdf).

Acesso em: 05 de junho de 2021

pátio da escola, no entanto só quem sabia do que se tratava eram as turmas da 2ª série do Ensino Médio, que vivenciavam essa imersão sobre a injúria nas aulas de filosofia. Em poucos dias começaram a aparecer novos xingamentos e protestos feitos nas cortinas por outros estudantes. Escreviam mensagens xingando desde pessoas da escola até pessoas públicas. *Hashtags* podem ser encontradas nas cortinas: *#Lulalivre*, *#Marieleve*, *#forabozo*, *#Lulaladrão*. Só nesse encontro a equipe escolar descobriu do que se tratava essa cortina, que ocupou, durante um pequeno tempo, o pátio escolar. A cortina levantou conversas profundas em minhas aulas com o grupo de estudantes envolvidos na atividade: quem pode e quem não pode ser xingado? O que é permitido em termos de xingamento e o que não é? Qual o limite do xingamento? Ao final dessa conversa com a equipe escolar, percebemos que, quando se trata de injúria, não se é mocinha ou vilã, mas que todas, todes e todos ocupam, em algum momento, o lugar de pessoa injuriada e/ou injuriadora. E ficamos, como grupo de docentes, com uma pergunta no ar: o que nós podemos fazer com isso?

Ao final do encontro, foi feito mais um último exercício de escrita, que seria enviado à pesquisadora posteriormente por e-mail e que deu base para alguns dos verbetes que compõem este dicionário:

"Na sala dos professores, o que você ouviu? Quais injúrias você já falou? (lembra daquela raiva que senti e que disparou um xingamento!) O que significa a injúria para você?" Para fazer essa última atividade, lemos um trecho do texto desta pesquisa, a cena da sala dos professores descrita no capítulo I do texto da dissertação de mestrado. Esse texto pode ser lido no verbete "Ângela Diniz" que faz parte deste dicionário.

Além das escritas das/dos discentes e docentes, este dicionário também traz uma terceira camada narrativa que é aquela escrita pela própria pesquisadora, que sentiu necessidade de compartilhar algumas notas encontradas nas próprias anotações de diário, como rastros desse processo e vivência da pesquisa. O dicionário conta ainda com uma quarta camada de escrita, composta por fragmentos de textos, séries, filmes, música e poesias que foram disparadores da(s) sequência(s) didática(s).

\*

A publicação deste dicionário composto pelos verbetes que resultaram desta aventura como uma professora, num lugar e num território específico, a partir

de encontros também tão singulares, tem como objetivo partilhar um pouco desta pergunta final que ficamos todas, todes e todos, e que repito aqui: o que nós podemos fazer com isso?

Em algum momento percebemos que os textos e verbetes escritos e recolhidos durante esta pesquisa não poderiam ficar escondidos, como se fossem material secundário ou acessório de uma dissertação de mestrado; ao contrário, eles pareciam ser o centro mesmo daquilo que foi possível fazer nesse período. Acreditamos que estes textos, que muitas vezes tiveram um processo doloroso mas também prazeroso de escrita, precisavam chegar a outras pessoas, precisavam voar, reverberar em outras comunidades e, quem sabe, possibilitar reflexões e vivências a partir de suas realidades e processos. Este dicionário é um antídoto para um processo que poderia levar uma pessoa ao lugar da *ninguendade*. Este dicionário tem por objetivo pensar outros modos de vivenciar a escola e as relações. Aqui pensamos sobre nós, sobre a outra pessoa, com outras pessoas e, quem sabe, com outras comunidades. Comunidades que também se preocupam com estas questões: gênero, raça, classe, intolerância, etc., com corpos dissidentes, com corpos que performam um não-padrão. Dialogar com professoras, professores e professorias que desejam

pensar a sala de aula de outros modos, com outras práticas.

No "Dicionário I de Injúria" não tivemos a intenção de fazer um estudo das ofensas, uma *ofensalogia*. Mas pensar e repensar significados e significâncias de algumas injúrias e seus efeitos em um determinado grupo. Essa questão aparece para mim em diálogos com a comunidade estudantil. Assim, essa escrita de apresentação do dicionário se encerra com algumas notas acumuladas nos últimos anos, especialmente diários de memórias, cuja autora, autor, autore não precisa mais de nome, porque se tornou outra, outro, outre, porque quer se desfazer desse emaranhado de preconceitos que querem colocar sobre ela, ele, elie. Esses excertos, registrados entre 2003 e 2018 são resquícios de memórias que são ativadas aqui, ao final desta apresentação, para lembrar o sentido e o motivo que moveu a construção desta pesquisa na criação de alguns antídotos.

*Abril / 2003*

*Estava na quinta série (hoje sexto ano) do Ensino Fundamental. Na arquibancada da escola, escuto:*

*— Fecha as pernas e sente-se como uma moça!*

*Junho/ 2007*

*Na aula de Português, 1ª Série do Ensino Médio.*

*— M. Favor sente-se na sua cadeira!*

*— Qual cadeira professora?*

*M. chamada para conversar fora da sala.*

*— Você não deveria dividir cadeiras ou sentar-se no colo dos seus colegas! (Usando aqui o masculino como universal)*

*— Professora, na nossa sala nunca tem cadeira suficiente, se saio para procurar cadeira, tomo bronca porque entrei atrasada, se sento com alguém, outra bronca. Sento no chão?*

*Junho/ 2007*

*No pátio da escola - 1ª Série do Ensino Médio.*

*Casal de garotos dividem um banco no pátio da escola. Ambos são chamados pela coordenação para conversar.*

*— Meninos, não pega bem vocês dois sentados juntos, dividindo o mesmo banco. (Banco de cimento, fixo. 1,20 x 0,40 m)*

*Setembro /2012 - Conhecendo a escola que eu iria lecionar filosofia pela primeira vez.*

*- Aqui só entram de uniforme. Se você chegar na sala e ver meninas com roupas inadequadas, avise! (Não entendi o que quiseram dizer sobre roupas inadequadas, mas entendi que só as garotas usam roupas inadequadas).*

*Fevereiro / 2015*

*No pátio da escola que havia começado a lecionar.*

*— Essa modinha de menina beijando menina tem que acabar. Professora, se vir essas palhaçadas nos avise! (Logo para mim esse recado).*

*Setembro/ 2015*

*Entrando na sala de aula para dar aula.*

*— Professora, se vir uns moleques se pegando, não se assuste! Bando de viadinhos mas não faz mal pra ninguém. Mas, eu “tô louco” para dar umas porradas. Se vocês da escola não dão um jeito, nós damos. (Recado do líder da gangue).*

*Outubro/ 2017*

*Semana da criança. Atividades diferenciadas na escola em que lecionava:*

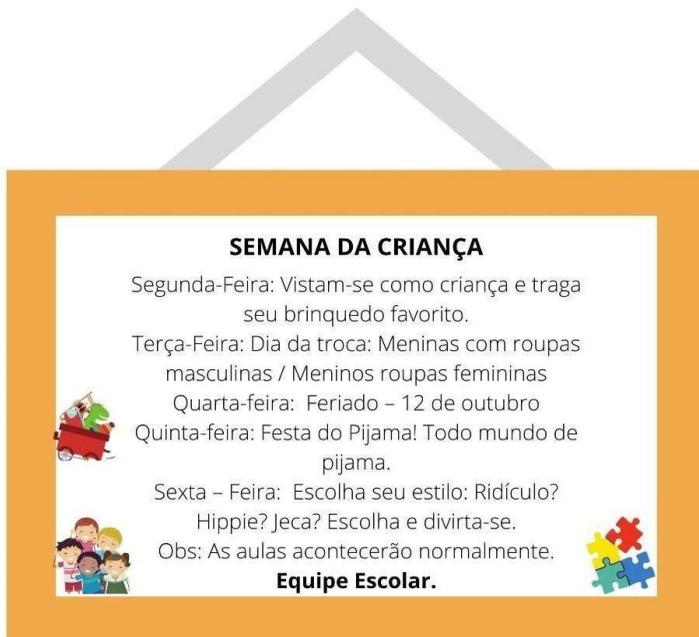


Figura 1. Reprodução de cartaz fixado no mural de recados da escola.

*Quinta-Feira - Segunda aula.*

*Garotas são chamadas na coordenação.*

*— Vocês estão peladas! — diz a coordenadora.*

*— Mas Dona S., os meninos estão de samba  
canção e regata, e nós de camiseta, shorts e pantufas.  
Nós não estamos peladas!*

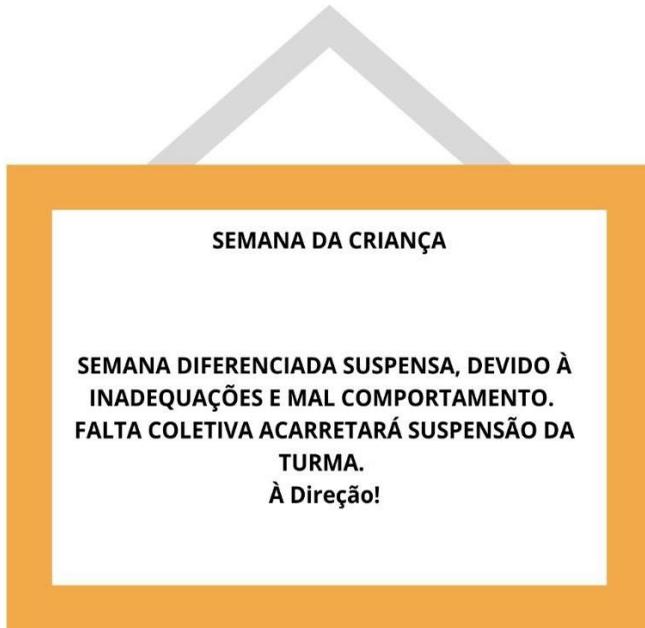


Figura II. Reprodução de cartaz fixado no mural de recados da escola.

*2018/ Fevereiro*

*Garotas impedidas de entrar na escola, devido às vestimentas: Decotes e calças rasgadas.*

*2018 / Março*

*Atividade sobre o dia internacional da mulher.*

*— Os meninos deveriam ser ensinados a me respeitar. Porque ao invés de nos ensinarem a nos vestir,*

*não ensinam os garotos a nos respeitarem? Minha roupa não é um convite!*

*2018/ Março*

*— N., Por que você faltou? Tínhamos atividade agendada!*

*— Professora, não te avisaram? Não me deixaram entrar. Minha calça estava caindo. Todos os dias entram vários moleques assim. Mas, a bicha aqui foi barrada!*

**\*\***

Este é um dicionário temático sobre a "injúria". O que é apresentado neste dicionário são verbetes escritos durante um percurso didático, vivenciado nos anos de 2019 (por estudantes) e 2020 (por docentes). Aqui temos verbetes de ordens discursivas distintas. Escritas densas, intimistas, breves, cirúrgicas, politizadas, problematizadoras, confessionais, poéticas, porém todas elas falam de vivências com a injúria. São textos delicados, profundos, engraçados, tristes... Olhando agora, ao final do processo, nos parece que só poderiam aparecer assim no formato de verbetes. Nenhuma outra escrita – muito menos a sequencial, dissertativa, linear – daria conta da força e expressivida-

de da vivência transformada em palavras por meio dos verbetes e das singularidades.

Boa leitura!

Nota: Além de textos, este dicionário possui imagens. As imagens estão presentes desde a capa até a contracapa. As imagens foram produzidas, escolhidas, organizadas e pensadas por um grupo de estudantes, que participou desse processo. Talvez as imagens produzidas tivessem a intenção de representar e ilustrar experiências. Pensamos em legendar as imagens, mas o grupo optou por não o fazer. Esperamos que as imagens possam ser entendidas no compêndio ou na individualidade. Elas criam um ambiente, materializam as ocorrências na(s) escola(s), expõem e tornam a injúria real, porque trazem as marcas, em papel tinta e cores, das experiências vividas.

A primeira imagem, que inserimos para fechar esta apresentação e abrir este dicionário, contém as três perguntas que foram fundamentais durante as aulas e encontros, que ficaram com a gente e retornaram, marcando profundamente nossa resignificação das injúrias. São perguntas que seguem conosco e que, esperamos, possam seguir e

engajar conjuntamente a quem este material encontrar.

- a) Em quais situações nós nos comportamos como amoladores de facas?
- b) Por que nos comportamos como amoladores de faca? Qual o prazer?
- c) Quem são os contemporâneos amoladores de facas?

F. III. Imagem com as questões dos exercícios sobre o texto:  
*A atriz, o padre e a psicanalista: os amoladores de faca.*

*São Paulo, 21 de julho de 2021.*



## AMOLADOR DE FACAS

*1 - O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui alguns aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas, etc.. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva. [Luis Antonio Baptista em A Atriz, o Padre e a*

*Psicanalista – os Amoladores de Facas*] (Baptista, 1999, p. 46).

II - “*A atriz, o padre e a psicanalista*” foi um dos textos trabalhados com toda comunidade escolar. Os dois grupos foram provocados a pensar em quais situações, de quais modos e por que amolamos as facas? Nesse exercício percebi dois deslocamentos:

a) Estudantes se reconhecem como pessoas que “amolam as facas” quando menosprezam alguém, xingam, julgam, inferiorizam, julgam modos de ser e de existir. Justificam que fazem isso por desejarem fazer parte de um grupo, serem engraçados, etc.

b) A comunidade docente não se reconhece como pessoas que “amolam a faca”, mas reconhecem como quem já teve a faca amolada muitas vezes sobre seus “sonhos, desejos e modos”.

Entretanto, ao longo da leitura dos verbetes, é nítido que todas as pessoas performam e ocupam esses dois locais: local de pessoa injuriada e de pessoa que “amola a faca”, que insulta e violenta.



| -

A Penseira de pedra estava no armário onde sempre estivera: Harry carregou-a para cima da escrivaninha e despejou as lembranças de Snape na grande bacia com a borda de runas. Fugir para a cabeça de outro era um alívio abençoado... nada que mesmo alguém como Snape tivesse lhe deixado poderia ser pior do que os seus próprios pensamentos. (ROWLING, 2007, p.482)

O armário me parece um espaço ambíguo: muitas vezes um local de falsa segurança, onde escondemos desejos, medos, vergonhas a sete chaves; um local imposto, espaço de opressão para que nos escondamos e só saia de lá aquilo que pode ser mostrado diante das outras pessoas. Espaço para esconder preconceitos,

para esconder que se é racista, homofóbico, xenofóbico, transfóbico, etc. etc. etc.

Mas penso que o armário pode ser um espaço de autorreclusão, espaço dos segredos que guardamos para poder ser quem somos. Sempre desejei ter uma penseira\* como do personagem Alvo Dumbledore da saga Harry Potter, onde eu pudesse distanciar dos meus pensamentos, olhar por outras perspectivas e compreender aqueles pensamentos de outras maneiras. Diante desse exercício de escrita percebi que os meus diários são meu armário, minha penseira. Deixar guardadas algumas coisas por um tempo permite digerir e ressignificar algumas experiências.

\*A Penseira é um objeto utilizado por Dumbledore na série, Harry Potter. Nesta penseira, que lembra um caldeirão, o bruxo despeja frascos contendo lembranças de seu passado e, ao submergir sua cabeça, acessa o momento em que a lembrança se remete, não podendo fazer qualquer alteração, porém revivendo toda a cena.



## ANGELA DINIZ

I - Estava eu sentada na sala dos professores, terminando a leitura de “*Sejamos todos Feministas*”, de Chimamanda Ngozi Adichie no intervalo entre períodos. Passei a observar quantos corpos circulam nesse espaço. E que corpos são esses que ali circulam. Na sua maioria, eram corpos de mulheres<sup>4</sup>. De mulheres de todas as idades, de diversas regiões do Brasil. Professoras, agentes de organização escolar (popularmente chamada de inspetoras), apoio da

---

<sup>4</sup> Corpos que se identificam com o padrão do que dizem ser feminino.

limpeza e da cozinha. Mulheres que existem. Mulheres que vivenciaram todos os tipos de violência. Em uma escola com aproximadamente 80 pessoas trabalhando, apenas 21 homens<sup>5</sup>, todos professores.

Professor Manolo, ao ver meu livro em cima da mesa, me questiona “por que sejamos todos feministas e não sejamos todos humanos?” Eu havia acabado de ler aquela pergunta no livro da Chimamanda. Usei sua resposta (lendo o livro) para respondê-lo. Abri o livro na página quarenta e seis e li: “É o tipo de pergunta que funciona para silenciar a experiência específica de uma pessoa. Lógico que sou um ser humano, mas há questões particulares que acontecem comigo no mundo porque sou mulher.” (ADICHIE, 2017, p.46). Completei dizendo que o rapaz que a questionou sempre se colocava como homem negro, pois suas experiências enquanto homem negro eram diferentes de outros humanos. Manolo não disse mais nada.

---

<sup>5</sup> Que se identificam com essa nomenclatura e se definem como heterossexuais.

Sentou-se ao meu lado, e deixei que o silêncio tomasse conta daquele espaço. Mais pessoas foram chegando, todas aceleradas, vindo de outras escolas, das clínicas médicas, da escola das crianças, de seus almoços corridos na padaria da esquina. Eu continuava a observar e ouvir o silêncio, pensando naqueles corpos que ali estavam.

A professora Rosangela adentrou a sala, com suas inúmeras sacolas, desfazendo o silêncio que pairava no ar. Olhou o livro em cima da mesa, riu e disse: “Você e esses livros!”

Logo começou uma conversa sobre as feministas, e o que escutavam em suas infâncias e adolescência.

A geração mais velha cresceu ouvindo a história de Ângela Diniz<sup>6</sup>, e de como as feministas tinham

---

<sup>6</sup> No dia 30 de dezembro de 1976, a socialite mineira Ângela Diniz foi morta a tiros por seu marido, o empresário Raul “Doca” Fernandes do Amaral Street, no balneário de Búzios, no Rio de Janeiro.

Doca Street foi condenado a dois anos de cadeia, mas obteve o direito de cumprir a pena em liberdade. A tese da defesa era de que ele teria agido em legítima defesa da honra e “matado por amor”. O argumento gerou polêmica. Militantes feministas organizaram um movimento cujo slogan – “quem ama não mata” – tornou-se, anos mais tarde, o título de uma minissérie da

coragem de defender aquela mulher. Muitas eram crianças quando Ângela foi assassinada, mas todas recordam a história da mulher fatal, que abandonou filhos e marido, destruiu a família de Doca Street em nome de uma paixão. Algumas até contam que Doca virou uma espécie de fetiche entre suas mães e tias, e muitas dariam tudo para ter uma noite com ele. “- Ah se eu não fosse casada, e tivesse mais coragem!”.

Ana, professora de inglês comentou: “Quando era criança ficavam me chamando na escola de Ana Machado<sup>7</sup>, por muito tempo me odiei por me chamar Ana, por causa da novela Cambalacho. Depois descobri que não tinha a ver com meu nome, mas com minha

---

Globo. A força dos protestos populares e o pedido de revisão do promotor levaram Doca Street a novo julgamento, em novembro de 1981. Condenado a 15 anos de prisão em regime fechado, ele obteve liberdade condicional. - <http://memoriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/coberturas/angela-diniz-assassinato/a-historia.htm> - Acesso em: 1 de Novembro de 2019.

<sup>7</sup> Ana Machado personagem da novela Cambalacho da Rede Globo, apresentada em 1986 vivida pela atriz Débora Bloch. O site da rede globo a define a personagem assim “É uma jovem linda e muito feminina, mas com um jeitão meio grosseiro por conta de sua profissão de mecânica” - <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/cambalacho/galeria-de-personagens.htm> Acesso em: 1 de Novembro de 2019.

postura. A todo custo tentavam neutralizar minhas falas, meus questionamentos. Apesar de ser criança na época da Ângela, eu nunca entendi por que as pessoas podiam defender alguém que tinha matado. Sempre achei esse Doca um escroto!”

Muitas falas se misturavam. Eu não conseguia participar de todas as conversas. Ouvia conversas picadas, misturadas e já não sabia quem estava falando o quê. Entre tantas mulheres falando escutei timbre grave e sacana do Marcus: “A verdade é que a Ângela era uma gostosa. Todos fantasiavam com ela, erro do Doca foi não entender que algumas mulheres são iguais melancia”.

Senti náusea com sua fala. Margot falava sobre como as mulheres são culpabilizadas o tempo todo. Margot viveu de perto o feminicídio. A mãe de uma amiga de infância foi esquartejada e o corpo foi posto dentro de uma mala pelo novo namorado, e só foi encontrada três dias depois. Nem fora possível viver o luto da “tia” que perdera, pois todos à sua volta diziam: “Se ela não tivesse largado o marido e filhos, isso não teria acontecido.”.

Novamente as vozes se misturaram. Leticia falava de uma tia que morrera assassinada pelo marido. E como aquilo marcara a família. Mas a palavra feminismo nunca apareceu na fala de seus familiares. E quando aparecia era para dizer que a mulher só é feminista até encontrar um marido. Novamente recordei Chimamanda e todas os estigmas que rondam a mulher feminista. Melissa conta: "Eu parei de falar aos 7 anos de idade, justamente na idade escolar. Mas não consegui compreender o que havia ocorrido aos 7 anos. Mas podia imaginar."

O sinal tocou... Todas aquelas pessoas saíram em direção às suas salas, continuavam eufóricas, e eu fiquei com minha mente barulhenta e estômago revirando.

Cruzei com uma inspetora, e não consegui olhar para ela e não recordar uma fala sua: "toda mulher quer ser protegida por um homem".

Olhando para aquele corredor, recordei a antiga professora de Sociologia (uma professora que alguns colegas nomeavam "uma mulher surpresa", ou "essa mulher é homem", fazendo alusão a Roberta Close, outros a chamavam de Nany People), que circulou pela escola no passado, num passado não tão distante, e de

como ela abalou as estruturas daquele lugar. Estruturas machistas, homofóbicas e reacionárias, dessa microsociedade que é a escola. Fico pensando onde ela está hoje. Como é ser professora, mulher trans nesse momento em que vivemos? Momento que apostilas são recolhidas na escola por conter um texto informativo “Sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual” Momento em que o Prefeito do Rio de Janeiro determina que recolham unidades de uma HQ em uma Bienal do livro por conter um beijo entre homens na capa? Momento em que a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos afirma que “menino veste azul e menina veste rosa”. E em que o atual presidente, às vésperas da eleição, afirma “– Sou homofóbico mesmo, com muito orgulho!”.

II - Começamos a conversa ouvindo o podcast “Praia dos Ossos”<sup>8</sup>. Ouvimos fragmentos do primeiro episódio. Apenas uma professora recordava o feminicídio de Ângela Diniz.

“No dia 30 de dezembro de 1976, Ângela Diniz foi assassinada com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, pelo então namorado Doca Street, réu confesso. Mas nos três anos que se passaram, entre o crime e o julgamento, algo estranho aconteceu. Doca tornou-se a vítima.”<sup>9</sup> Essa é a chamada no site da Rádio Novelo.

Se, até aquele momento, apenas uma professora recordava o caso, quando apareceu o nome Doca Street, o chat do *meet* começou a piscar. Eu tentava ouvir atentamente o *podcast*, mas o chat chamava minha atenção. E eu queria ler o que estava ali. Sabia que poderia me perder naquilo que eu tinha planejado. Mas o chat é como as conversas paralelas da sala de aula. Às vezes nos levam para outro lugar,

---

8 Praia dos Ossos, é um podcast brasileiro lançado e produzido pela Rádio Novelo em 2020. De modo documental o podcast narra o feminicídio de Angela Diniz e os desdobramentos do caso em dez episódios.

9 Cf. <https://www.radionovelo.com.br/praiadosossos/>

entretanto, esses lugares inesperados podem ser muito mais interessantes.

## Detalhes da reunião



 Pessoas (33)

 Chat

S  18:50

Doca Street. Agora me lembro. Eu era muito pequena. Mas minha irmã foi chamada de Doquinha por toda infância. Ela era terrível. Sempre aprontava. E começaram a chamar ela de Doquinha. O apelido pegou.

L  18:53

Lembro da minha mãe falando desse cara. Doca Street. Dizia ela que ele era um pão! Rrsr

Enviar mensagem para todos



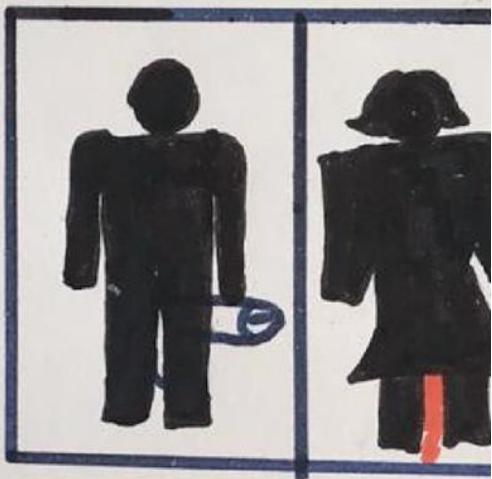
Putá

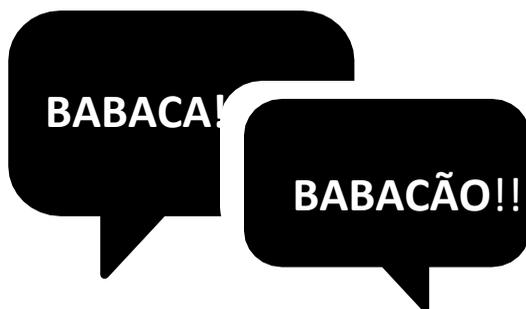
Gay

Macaca

Idiota

V  
I  
A  
D  
D





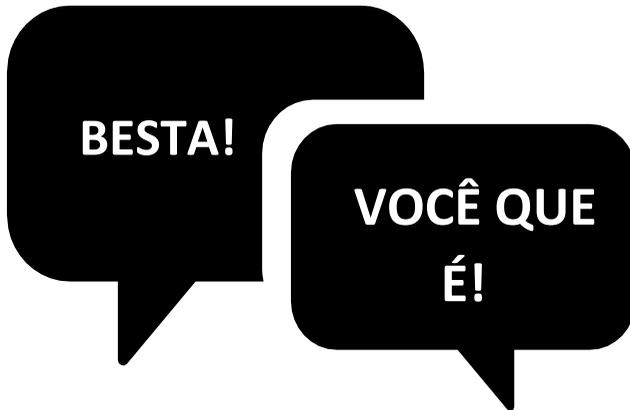
I - Usada para definir homens e mulheres com atitudes idiotas e que, na maioria das vezes, afeta alguém de alguma forma. O babaca tem essas atitudes para se enturmar e fazer graça, o que é totalmente errado e que, no final, sempre se livra das consequências.

*II - A categoria de “babaca” (gilipollas) foi elaborada em Sociologia da Educação. Seguramente, apareceu em algum dos teus discursos e, tratando de justificar o uso em aula de algumas palavras (deixe-me te dizer que às vezes exageras), tu tentaste precisar seu uso, bastante sutil em espanhol, e que não corresponde exatamente com o “boludo” (bobo, estúpido) dos argentinos, o “huevón” (burro, ridículo) dos chilenos, e o “babaca” do Brasil (no entanto sera esta expressão que utilizarei aqui).*

*O que aconteceu é que, uma vez introduzida no vocabulário do assunto, nós passamos todo o tempo procurando babacas em todos os filmes que tu colocavas para nós. Vimos, que eu me lembre, duas caras de babacas, em dois filmes: a do tipo que faz fotos no campo de refugiados que aparece no início de *Enjoy poverty*, tu disseste que “na maioria das vezes, o mal não é resultado da crueldade, da maldade, mas da “babaquice”.*

*Para adensar esta palavra, recordo que, em alguns discursos em sala, tu chamavas atenção para que os estudantes não se tornassem babacas, que não tivessem atitudes de babacas. Inclusive, em uma chamada de atenção por email da referida disciplina, tu destacaste esta categoria.*

*Eu, que não conhecia, me diverti muito ao orientar os alunos nesta disciplina, pois os projetos educativos eram voltados para a prevenção e reabilitação dos ricos e não dos pobres como se esperaria num curso de Educação Social. Dessa forma, eles teriam que fazer um esforço no sentido de identificar, compor e compreender tipos e lógicas “gilipollas”. [Karen Rechia em P de professor] (LARROSA & RECHIA, 2019, p. 81)*



I - Talvez seja uma palavra de brincadeira, entre duas pessoas, mas sabe aquele ódio que você sente de uma pessoa e acaba falando sem pensar nas consequências, com essas palavras já machuquei alguém. Pedi perdão? Sim! Mas isso fere mais do que um tapa na cara.



**BICHA!**

I - “- Bicha burra!”

Acho que essa foi uma das coisas que mais me marcou na sala dos professores. Uma colega chamando um aluno de bicha burra. E ainda afirmou: “já que é bicha, tem que no mínimo ser inteligente”. Isso me cortou o coração, e sabia que o que estava em julgamento era sua postura considerada afeminada. E não seu desempenho cognitivo.

II - “Quer ser bicha louca, que seja da porta da escola pra lá!”



I - Já usei essa injúria contra algumas pessoas. Mas ser chamado assim me doeu. Posso ter sido escroto, machista até. Bolsominion? Doeu demais.



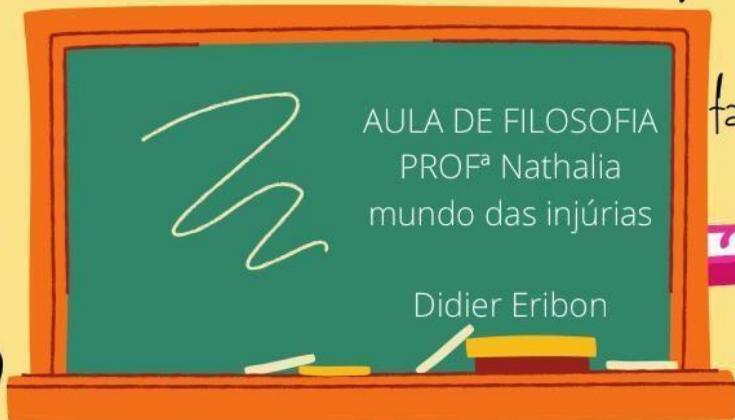
I - Ele pediu para eu chupar. Eu não queria. Todos meus amigos na escola riam das meninas que chupavam. Eu não entendia. Eles queriam ser chupados, mas falavam mal das meninas que chupavam. Eu tinha nojo, e o nojo se misturava com medo. Não chupei ele. E ainda assim fiquei com fama de boqueteira na escola. Não importa o que se faça. Ser mulher é uma desgraça.

VACA

ME LIGA: 9999-9999

$$X = A + b$$

puta



favela

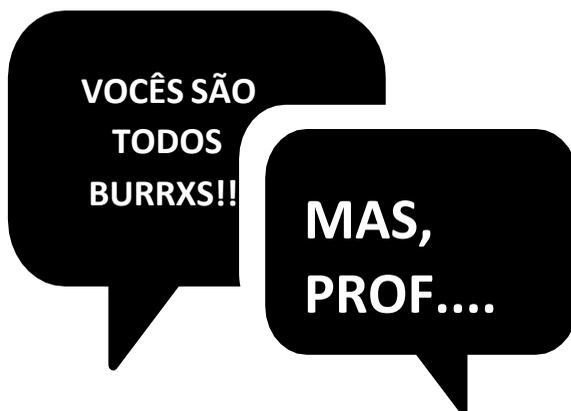
BOQUETEIRA

viadinho



macaca





I - Quando me chamam de "burro" eu considero que seja um pouco de falta de inteligência na execução de algo, me deixando meio cabisbaixo quando sou chamado assim. Quando eu chamo alguém de "burro", eu considero que seja alguém com uma certa falta de inteligência em algo momentâneo, como por exemplo: "Que burro! Ele colocou a caixa errada." Ele faltou com inteligência em executar a tarefa naquele momento, mas em outra hora ele prestou mais atenção.

II - Não é falta de inteligência, talvez falte atenção, um pouco de comprometimento e interesse.

III - Chamei uma menina assim porque eu pensei: "nossa como essa menina não sabe de nada".

NÃO VOU "PRENDER" O  
MEU "CABELO",



PRENDA VOCÊ O SEU  
PRECONCEITO!!



I - Meu cabelo é cacheado e nem sempre eu soube cuidar dele, e a moda era cabelo liso. Eram poucos lugares que sabiam cuidar de cabelos afros (tão pouco reconhecidos), poucas informações e poucos produtos. Na escola com minhas trancinhas (feitas por minha mãe), e todas as outras meninas de cabelo solto e liso, eu era excluída. Quando mais velha, implorei para minha mãe alisar o meu cabelo, algumas horas se passaram e lá estava eu me olhando no espelho, me sentindo linda mesmo que minha cabeça estivesse doendo. No dia seguinte fui para escola, todos ficaram encantados com o comprido e preto cabelo liso da menina "índia". Virou um vício, sempre alisando, ignorava a dor, porque afinal "a beleza dói"; fiquei com muitas caspas e cabelos quebrando cada vez mais.

Até que um dia minha irmã percebeu que o meu cabelo não estava nada saudável; parei de alisar e tive que cortar porque estava caindo literalmente quase todo cabelo, foi um aprendizado dolorido.

O que eu queria dizer é que alisei meu cabelo com a intenção de não sofrer mais (pelo menos por causa disso) e acharam outra forma de me atingir. Agora eu amo meus cachos e se eu alisar meu cabelo é porque eu quero não porque as pessoas estão usando isso como alvo.

II - Já julguei muito a pessoa pelo cabelo dela, hoje entendo que cada um sente-se bem com o próprio jeito e características.

III - Quando criança era constantemente oprimida por meus colegas de classe, eles me julgavam por ter o cabelo crespo e faziam piadas sem graça que acabavam com minha autoestima. Já cheguei até mesmo a fazer alisamento para me sentir melhor comigo mesma, mas infelizmente não funcionou, inclusive agora adulta na sala dos professores continuo ouvindo "cabelo ruim".

# CARTOGRAFIA

Espaço, mapas, caminhos, especificidades, diferenças, exposição, captura, formação, composição, operação, modos, estranhamento, corpos abjetos, injúrias, desenhos, cor, formas etc.



Releitura feita em meu “diário de banheiro” de uma parte da porta do banheiro masculino. Lê - se (da esquerda para a direita): boiola. “ai que

gostoso”, “ai ai”, cuzão, viado, bixa, gay e quem é o viado? Pode ser vista, a representação de um pênis no centro da imagem.

O banheiro é o local da marcação e fixação de gênero (MATEBENI, 2017). Local de encontro, troca de confissões, brigas e carícias. Espaço ambíguo, de dores e amores. Espaço da escola onde a homossexualidade é vivida e “permitida”, o beijo rápido pra que ninguém veja e na troca de olhares pelo espelho.

O banheiro é o local onde a(s) injúria(s) reina(m). Todas as pessoas sabem que elas estão lá. Desafio você a entrar em qualquer banheiro público e procurar por elas. Tenho certeza de que as encontrará.

O banheiro comunica. No meio de muitas injúrias, encontramos declarações, palavras de conforto e corações. As paredes falam! Gritam! E, às vezes, confortam!

Ali fica explícito os limites da privacidade.



I - Corno é uma pessoa que a esposa ou marido traiu porque não foi carinhoso e amoroso suficiente.

II - Aquele(a) que foi traído(a).

III - Vivo chamando as pessoas de corna e corno. Mas na verdade nunca entendi muito bem esse significado. Acho que tem a ver com a traição. Mas quem foi traído não deveria ser xingado. Se for pra xingar, que xingue o traidor.

IV - Quando questionada por que uso esse termo, já que o corno é a vítima da situação, disse que era porque ele era tão chato que nem a mulher aguentava, mas na verdade é só um termo que aprendi a usar para ofender as pessoas.



I - Logo no início do texto, Didier Eribon, ao descrever a injúria e como esse processo ocorre com a pessoa que a recebeu e que se torna "propriedade" de quem o ofendeu, pude sentir exatamente esse sentimento; não sou gay, entretanto carreguei por muito tempo um peso por ser "crente". Nossa como isso era perturbador, por onde passava usando saia jeans (pois, em muitos lugares que eu ia com a família, eu tinha que ir de saia), não conseguia ser eu mesmo, era como se meu corpo e minha alma estivessem presos e então uma sensação de humilhação e impotência me dominava, eu tinha vergonha de ser crente, sofri em muitos lugares, era como se eu fosse uma alienígena (na primeira faculdade, primeiro estágio e emprego), as pessoas só vinham conversar comigo para

perguntar o que eu podia e não podia, até se eu dava uma gargalhada mais alta, alguém falava, nossa crente tem que ser sério...

Amadureci, continuo frequentando a igreja, mas aprendi que não preciso levar tudo a ferro e fogo, como fui criada; hoje uso a roupa que quero, faço o que quero no meu cabelo e principalmente, assim como o texto fala, em alguns lugares você precisa se preservar, ninguém precisa saber minha religião, e mudar minhas roupas foi totalmente importante para esse processo, pois, a primeira impressão é a que fica, aprendi a passar despercebida, mas ainda escuto muito: "nossa, seu marido deixa você usar saia curta, shorts, calça, cortar o cabelo...", converso muito com ele, casamos muito cedo, muito inexperientes, bem doutrinados, mas juntos fomos construindo nossa história e ninguém manda em ninguém, estudamos, nos formamos depois de casados e hoje temos leveza nas nossas vidas, e conseguimos enxergar o quanto muitas pessoas são fechadas e limitadas, sejam elas da igreja ou não, e seguimos assim, nos preservando em algumas situações e agora com a árdua missão de educar uma criança melhor do que fomos. A internet se tornou terra de ninguém, muitas pessoas falam o que querem, mas acho que por causa dos algoritmos, pessoas com interesses iguais acabam se aproximando, o que acaba

fortalecendo lados bons, mas também lados ruins e preconceituosos.

Cada pessoa que procura percorrer um caminho diferente daquilo que sua família, comunidade e sociedade em geral sofre, são motivos diferentes, mas sofrem, no meu caso sofria por ser crente e não poder fazer algumas coisas, não

podia "desapontar e desobedecer" a família, mas por outro lado, a sociedade "zombava", e eu ali no meio, sem saber me impor...

II - Apesar de ser cristã, o termo crente sempre me incomodou. Sempre fui sacaneada por usar véu em minha igreja. Após assistir à série "Conto de Aia", o véu parece ter um novo peso. Ser Crente em nossa sociedade sempre esteve ligado a outros termos pejorativos, para muito além de acreditar em Deus.



I - Só porque uma pessoa não aceita desafios e coisas que outras pessoas propõem a ela, quando ela não faz, chamam ela de Cuzão.

II - Achava que era alguém medroso. Mas depois descobri que essa injúria está relacionada aos homossexuais. Então, tem a ver com coragem! Pra ser gay, lésbica, trans tem que ter muita coragem!

III - Uma conversa calorosa com um colega de trabalho, houve troca de injúrias. Ao questioná-lo em suas posturas racistas e preconceituosas, ele diz que sou conhecido entre os colegas e estudantes como cuzão. Fiquei um tanto desnortado. Mas o

provoquei para que continuasse. — Todo mundo fala que você é cuzão. Se os moleques aqui do morro falam mais alto você afina.

Realmente nunca alterei minha fala com essa molecada. Por não ter tido as dificuldades que eles vivenciam, eu nutro profundo respeito por eles. Filho de Militar que sou, talvez pudesse ter nutrido preconceitos. Entretanto, a verdade é que a realidade rígida e doutrinadora que vivi me fez querer compreender o mundo com outras lentes, que não as lentes do meu pai. Talvez minha mãe tenha me emprestado seus óculos e sua humanidade.

— Professor, se ser cuzão é não me gabar dos meus privilégios, e não ter que me garantir com uma arma na cintura, serei um eterno cuzão. Um cuzão que tem muito a aprender com essa meninada. E recomendo sair de trás da mesa, deixar o revólver no cofre e viver a sala de aula como um cuzão. É libertador.



**DESAJUSTADA!**

I - Desajustada. Essa é a injúria que o sr. ministro da educação acabou de usar contra minha família (setembro de 2020). Aqui fiquei pensando em diversas outras atrocidades que ele disse. Dizer atrocidades é algo inerente aos ministros desse (des)governo. Dentre eles uma única mulher. Que não nos representa em nada. É uma mulher machista, vestida de saias. Volto para a ideia de família desajustada e penso que minha família é cristã. Meu companheiro, nossos filhos e eu íamos sempre à igreja e por muitas vezes ouvimos pastores tão hipócritas como esse senhor que ocupa o cargo de ministro. Apesar de discordar na maioria das vezes, eu continuava frequentando aquele espaço, em que cresci ouvindo a palavra de

Jesus. Que é um cara sensacional. Botou para correr cobradores de impostos, convivia com as prostitutas e protegia os menos favorecidos. As palavras desses homens nada tem a ver com a palavra de Cristo. Porém, continuava frequentando a igreja. Ouvindo coisas boas, outras nem tanto, e sempre conversando com meu companheiro e filhos sobre coisas que eram ditas na igreja.

A palavra de Deus me fazia continuar e acreditar em um mundo melhor.

Aos 20 anos minha filha apresentou uma amiga, e nós sabíamos que H. não era só uma amiga. Os olhos de J. brilhavam quando estavam juntas, quando H. fazia suas longas falas politizadas.

C. e eu sabíamos que era amor. Deixamos que as duas percebessem que essa amizade era mais colorida do que o arco-íris. E apesar de não termos convivência com outros homossexuais, meus filhos sempre souberam que estaríamos com eles em qualquer decisão, escolha ou modo de existir. Senhor Ministro, ninguém escolhe ser gay, lésbica ou trans. Ninguém escolhe apanhar na rua, ser posto para fora de casa ou escutar as bobagens como você e seus colegas ministros dizem.

Tenho certeza de que minha filha, e tantas outras moças e rapazes, escolheriam ter paz, se assim pudesse.

Minha família é amor.

Desajustada é a família que tem rachadinhas, a família que ocupa seu tempo falando da vida alheia, a família que diz ser cristã, porém perde seu precioso tempo fazendo tudo diferente do que Jesus ensinou. Desajustada é a família que em sua totalidade faz parte de esquemas e se esconde atrás do "cidadão de bem". Minha família é amor! Minha família é companheira e justa. Seguimos os preceitos Cristãos. E essas suas falas, tem algo a ver com o Cristianismo? Vamos ver de quem serão os reinos dos céus. Da minha filha e da sua companheira que segue a vida delas sem se meter na de ninguém ou de um homem que gasta seu tempo, com dinheiro do povo, para expor seus preconceitos e baixeza.



I - Você me chamou assim. Você que deveria me incentivar. Mas nunca entendi bem o que é isso? A graça que você diz é do riso? Ou a graça que você acredita vir de Deus? Talvez eu seja bem sem graça mesmo. O riso foi me tirado quando sofri abusos, violências físicas e verbais. Portanto, Deus também não me deu a graça de ter uma vida em paz. Sendo assim, sou mesmo uma desgraçada. Em ambos os sentidos.

II - Esta é a injúria que eu mais utilizo. Para mim tem o significado de uma pessoa que quer ser mais que os outros, se acha superior, “a última bolacha do pacote”.



**ESCANDALOSA!**

I - Precisa se dar ao respeito. Olha a altura dessa risada? Desde quando isso é postura de diretora?

II - Olha essa roupa! Escandalosa! Depois não sabe por que as mães não querem que os pais busquem as crianças na escola. Quer chamar atenção, conseguiu!



## ENDEMONIADO/A!

I - Estava no 6º ano, a sala pegava fogo. Troca de aula, e entra a professora de história. Ela não conseguia controlar a sala. De repente, ela tira uma Bíblia da bolsa e começa a ler o texto sobre o endemoniado de Gadareno. E gritava!

– Vocês estão endemoniados!

Eu, filha de pastor, conhecia bem aquele texto, mas um aluno ficou muito bravo e saiu da sala. Retornou com a coordenadora para resolver a situação. A professora saiu da sala e nunca mais tivemos aula com ela. Alguns diziam que ela estava de licença médica. Porém nunca soube se eram apenas papos de corredores. Nunca tivemos uma devolutiva da situação. E parece que todos ficaram satisfeitos. O professor de matemática passou a dar aula de história e era super divertido.



I - Ser estranho para muitos é ser diferente do padrão que a sociedade impõe, mas para mim ser estranho é sair do "padrão" e ser quem você realmente quer ser e não ter medo de mostrar o seu interior.

Sair das "normas" da sociedade é bom, é ser você sem receio do que as pessoas vão dizer.

II - Um professor chamou um aluno de estranho na frente de todo mundo. Realmente ele é estranho. Fiquei pensando, o que nós temos a ver com isso? Quem seria a referência para dizer que ele é o estranho? O professor que não podia ser, porque ele é bem esquisito.



I - Fui chamada assim por muitas garotas e garotos da escola. Talvez por ser decidida, por fazer aquilo que estou com vontade. Descobri que ser simpática, educada e divertida gera desconforto em um grupo. Se isso for fácil, então sou fácil mesmo.



I - Dependendo de seu destino, a própria pessoa se torna falsa.

Dou-me conta que todos se tornam falsos quando estão com raiva, tristes e até preocupados. Sentimos o desejo de compartilhar com outra pessoa, nos tornamos um ser falso e o ato de falar de alguém pelas costas (na maioria, de forma negativa) quando você nem tenta entender o outro lado e já forma um preconceito.

Quando você está na frente de uma pessoa age de uma maneira e quando há outras pessoas se modifica. Falso, duas caras, há muitas maneiras diferentes de chamar pessoas assim.

II - A injúria que mais me ofende! Eu sempre tento ser o mais verdadeiro com todos que eu conheço, quando me ofendem assim me sinto completamente ofendido gerando um misto de raiva e tristeza.

# FAVELADO/A!

I - Somos excluídos! Somos culpados! Somos tudo de ruim perante os olhos da burguesia.

Sabe o que somos?

Povo que luta, que vai para guerra sem ter medo de morrer. Tem favela que tem tiroteio dia sim e outro também. E corremos o risco de morrer dentro de casa.

Na minha quebrada tem povo trabalhador. Tem molecada empinando pipa, jogando fubeca, e chamando os colegas para uma pelada.

Eu sou o cara que a tia do condomínio não quer que sua filha namore, mas a sua roupa minha mãe pode lavar.

Enquanto a *playboyzada* não sai dos condomínios e das suas telas. Nós estamos vivendo nossa vida, e tentando conquistar

o nosso com o suor do nosso trabalho. Seja na casa de madame,  
de político safado, ou na lanchonete do palhaço.



I - Xingamento muito utilizado em brigas e discussões. Além de ofender a pessoa, ofende a mãe da pessoa, que não está ali para se defender.

II - Queria eu ao menos ter uma mãe. Mesmo que ela fosse puta eu ia me amarrar nela. Mas, infelizmente, eu não a conheci.

III - Lave sua boca pra falar da minha mãe. Talvez ela ficasse bem ofendida com essas palavras. Mas vindo de você, não me atinge. Tosco.

IV - Puta é o mesmo que prostituta, que é alguém que faz sexo em troca de dinheiro, então, ao usar esse termo, a pessoa está chamando a outra de filha de uma prostituta, com a intenção de ofender não só a pessoa, como a mãe dela também. Muitas pessoas não se deixam atingir por xingamentos feitos a elas, mas quando envolvem a família, elas perdem a paciência, principalmente com essa injúria, que ofende além da mãe, a dignidade dela também. E é por isso que é um dos xingamentos que mais ouvimos no nosso dia a dia e um dos que mais causa discussões e brigas, pois a pessoa que pratica a injúria não quer só ofender, e sim provocar, para que haja uma briga. Quando dirigiram essa injúria a mim, eu fiquei muito brava e chateada também, porque ofendeu a minha mãe, mas não briguei com a pessoa porque eu sei quem sou, sei quem minha mãe é, sei que essa injúria não é uma verdade, e que não devo discutir com alguém que é tão infeliz ao ponto de ofender outras pessoas sem conhecê-las só para satisfazer seu ego.



**FOLGADO/A!**

I - Adoro chamar alunos assim! Acho que também é a palavra que meus colegas mais falam. Chamamos pais, alunos de folgados o tempo todo por “N” motivos.

II - Nessa pandemia o que mais lemos nas redes sociais é que somos folgados. Isso me irrita muito! Folgados? Estou trabalhando muito mais agora.

III - Nossa! Chamo muito os estudantes de folgado. Folgado porque tem preguiça de ler. Folgado porque deixam tudo para última hora. Folgados porque fazem as coisas pela metade. E isso sempre! Não só na pandemia.

IV - Chamo muito os pais de folgados. E as coordenadoras/diretoras. Os pais porque estão sempre atrasados e achando que a escola é depósito. As chefes porque querem tudo na hora. Parece que temos que fazer tudo no tempo delas, como se não tivéssemos mais nada para fazer.



**GALINHA!**

I - Elas querem é ficar ciscando! Tudo projeto de galinha.

II - Galinha!

Um professor deu em cima de mim. Ao reclamar para a diretora, ele me chamou de galinha.

O cara é um babaca e acha que pode me ofender!

Posso até ser galinha, mas não sou para o seu galinheiro!

TIRE SUAS  
OFENSAS DO CAMINHO  
QUE EU QUERO  
PASSAR COM  
O MEU  
AMOR.





I - Eu fico muito indignado quando eu vejo alguém ofendendo outra pessoa dessa forma, mesmo que ela seja aquilo ou não, o importante é que ela é feliz sendo quem ela quer ser, se ela é feliz assim, qual o problema? O importante é que ela se sente bem e gosta de ser quem ela realmente é. Ser feliz não é errado, errado é você julgar o próximo sem ao menos o conhecer!

II - Quando alguém me chama de "gay" o objetivo daquela pessoa é me injuriar. Porém, o que aquela pessoa diz a meu respeito não me atinge mais. Quando eu estava me descobrindo, eu ligava bastante para isso, porém, com o passar do tempo e com o meu amadurecimento, eu fui

entender o quão ser gay me faz bem. O Brasil é o país no mundo em que mais há assassinatos de pessoas LGBT'S, eu me orgulho das pessoas assim como eu e que foram mortas lutando pelos nossos direitos e vivendo sendo elas mesmas.



I - Aquele que está no Guarujá, enquanto o país atinge a marca de 195,4 mil mortos devido ao Covid-19;

II - Indivíduo que recusa 70 milhões de doses de vacina;

III - Quem faz campanha contra o uso de máscaras, estimula aglomerações e recomenda tratamento precoce [inexistente];

IV - Sujeito que veta lei que garante fornecimento de água à população indígena;

V - Cara que deixa vencer 6,8 milhões de testes de covid - 19;

VI - Criatura que cancela o contrato de materiais necessários para tratamentos médicos;

VII - Homem ou mulher capaz de realizar e/ou participar de todas as ações anteriores.

A quem interessar possa;

Segundo o “*Novo Dicionário Aurélio*”:

Genocida:

1. relativo a genocídio.
2. adjetivo e substantivo de dois gêneros que ou quem perpetra ou ordena um genocídio

Genocídio:

1. Tentativa de destruição total ou parcial de um grupo nacional, étnico, racial ou religioso.
2. Crime contra a humanidade, que consiste em cometer, com a intenção de destruir no todo ou em parte um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, qualquer dos seguintes atos: i) matar membros do grupo; ii) causar-lhes lesão grave à integridade física ou mental; iii) submeter o grupo a condições de existência capazes de destruí-lo fisicamente, no todo ou em parte.

Sem mais!



- ESQUISITA -

- VADIA -

- GORDA -

- VAGABUNDA -

- RAMPEIRA -

- PIRANHA -

- ESTRANHA -



Profa. Patrícia



I - Eu não me recordo de ser injuriado por maldade. Mas se me chamassem de "gordinho" eu não me ofenderia, pois ser um "gordinho" para mim significa ser alguém que tem liberdade de comer o que bem quiser na quantidade que quiser, mesmo praticando o consumismo.

II - Já cheguei a querer mudar meu corpo porque não me sentia bem, dietas exageradas, academias etc... Tudo isso para ficar com um corpo "padrão sociedade". Mas quer saber? FODA-SE o padrão

imposto pela sociedade, sou feliz com o meu corpo e me aceito assim, sou feliz e isso que importa.

III - Desde criança sou chamada assim, porém toda vez que a ouço é como se fosse a primeira vez. Machuca a minha alma, como se abrissem uma ferida que já estava podre. Mesmo que eu tente me aceitar e ter orgulho de mim, sempre, onde eu vá serei taxada de preguiçosa. Me sinto julgada por todos como se me mantivessem em observação 24 horas, tudo que eu como, tudo que eu visto, eu própria me julgo, no espelho vejo uma imagem que me enoja, se aparecesse um gênio meu pedido seria: ser normal. Não ache que eu sou gordofóbica, adoro o fato que as pessoas se aceitam, sendo elas mesmas, mas, essa não é minha saída.

IV - É a mais "cheinha", excesso de gostosura, nem sempre quer dizer que está doente, muitas são mais felizes consigo mesmas do que as do estereótipo oposto, são julgadas o tempo todo e marcadas pela sociedade como exemplo negativo de "como não ser".

V - Minha infância foi baseada em apelidos maldosos e piadas que para mim não tinham graça, mas sei que para você sim, pois me xingar, brincar e criar apelidos só para que outros rissem te fazia engraçado e superior. Mas saiba que agora, tempos depois, eu estou bem e feliz comigo mesma, porque agora sei que ser gorda não é algo ruim, ser gorda é ser linda, gostosa e dona de mim mesma. Suas palavras foram esquecidas aos ventos e viraram somente memórias ruins que um dia me fizeram mal.

VI - Várias pessoas dizem por aí que ser gordo é ruim, gordo só faz coisa errada etc. Se ser gordo para você é ruim, para mim é bom pois eu não me privo de comer o que eu quero para ser um garoto "padrão" segundo a sociedade.

VII - Me sentia triste quando me diziam que era gorda, deixei de sair muitas vezes por vergonha do meu corpo, deixei de usar roupas que eu gostava porque me sentia feia. Mas aprendi que não devo ligar para o que os

outros dizem, aprendi a aceitar meu corpo do jeito que ele é, aprendi a me amar.

VIII - "Nossa você precisa emagrecer, baleia, você não pode usar essa roupa". A sociedade impõe um padrão de beleza, se você for magro é respeitado. Se você é gorda (o) não é incluído na sociedade. Eu sou gorda sim! Me amo? Sim! Eu não preciso emagrecer para ninguém ou para a sociedade, eu sou ser humano como qualquer um! As pessoas poderiam perceber que ser livre independente de como você é, pois o mais importante é ser feliz! Se você se alimentasse de suas palavras, elas seriam podres ou saudáveis?

IX - Seria uma pessoa que possui a liberdade de comer o que ela quer na quantidade que bem quiser, mesmo praticando o consumismo, sem se preocupar com o julgamento dos outros, já que o corpo é dela. Não devemos opinar ou criticar o corpo da pessoa sem ela ter pedido, como dito: o corpo é dela e as regras também.

X - Usam essa palavra para ofender/diminuir alguém que não está fisicamente dentro dos padrões da

sociedade. Algumas pessoas não ligam para esse tipo de ofensa, mas quando foi comigo, eu liguei. Eu não via problemas na minha aparência até começar a dar atenção ao que os outros diziam, e isso acabou com a minha autoestima, me fez chegar ao ponto de me olhar no espelho e chorar, de desistir e desmarcar compromissos por vergonha. Não foi uma nem duas vezes que usaram essa palavra pra me ofender, mas sim várias, e a maioria das vezes, de familiares.

Me deixa mal ver o quanto as pessoas são maldosas umas com as outras e essa necessidade que elas têm de colocarem os outros para baixo para se sentirem melhor.

XI - "Nossa, você tem um rosto tão bonito. Por que não emagrece?"; "Que pessoa vai querer ficar com você desse jeito? Você está imensa"; "É impressão minha ou você engordou mais?". É, já ouvi de tudo sobre a estética do meu corpo. Gordas. Por que gordas? Ser gorda é ruim? Por que eu tenho que seguir o padrão? Que padrão é esse que machuca tanto? Gordas, porque isso me ofendia tanto? Por que me machucava tanto? Nem sair de casa eu saía. Deixei de

viver, por causa dessas perguntas, deixei de comer por causa disso, deixei de sorrir por causa disso. Mas quer saber de uma coisa, vou parar de viver por eles, e me deixar viver.

Eu sou gorda sim! E o que você tem a ver com isso? Vou falar uma coisa para você, que acha que tem direito de falar o que é certo para minha vida. Não tem nada melhor no mundo do que ser uma gorda sem medo de viver para ela.

XII - Gorda, para mim essa palavra me lembra muitos momentos da minha vida, pois essa palavra foi por muito tempo direcionada a mim, durante esse tempo eu a assimilava a algo ruim.

Mas hoje em dia é diferente, eu aprendi a desapropriar e esvaziá-la de seus significados antigos e quadrados, eu aprendi a enchê-la e preenchê-la com meus próprios significados.

Para mim a palavra gorda é apenas isso, uma palavra. Ser gorda é automaticamente ser forte, pois encarar a sociedade e seus padrões é algo que requer muita força, além disso requer muita coragem. Para alguns é apenas uma estrutura corporal, mas para mim é um grande motivo para admiração, porque não é algo fácil de ser

nestes tempos, em uma sociedade que julga tudo e todos que estão fora do padrão. Então ser gorda e se sentir bem com isso é mais do que motivo para ser um grande orgulho, para ser especial, ser guerreira, e até mesmo sentir-se normal.

*XIII – O meu corpo pesado carrega prazeres escondidos. Por dentro, uma angústia de uma vida inteira pensando em como seria bom emagrecer. Posso sentir receio de usar biquini e ir à praia. Porém nunca tive vergonha do meu corpo diante de um homem.*

*A minha autenticidade talvez funcione como uma pilastra. Gigante, forte e quase opressora. Do meu corpo cuido eu, e se o cara quiser transar comigo, ele vai transar. Sem nenhum problema. Nunca neguei sexo por medo das minhas curvas, da dobra da minha barriga ou das celulites em minhas coxas.*

*Acredito que outras mulheres podem se sentir confusas com meu jeito de lidar com o sexo. E para mim é tão simples. Através do meu corpo, posso sentir o sangue correr em minhas veias a cada vez que um homem me toca. É bem verdade que estou sozinha, mas nunca recuaram cada vez que desabotoei um sutiã.*

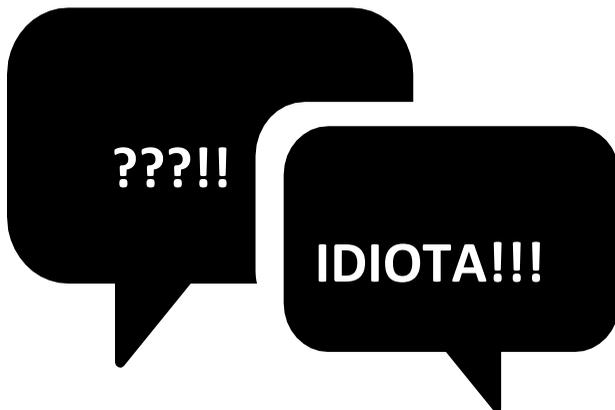
*Homem que é homem não liga para números de manequim na hora do sexo.*

*Agora tenta ser levada no churrasco dos amigos dele? Essa angústia que muitas mulheres negras e gordas vivem, eu compartilho.*

*A gordofobia está em todo lugar. Na catraca do ônibus, no tamanho da poltrona do avião, nos olhares das pessoas enquanto uma gorda caminha pela rua, na acusação de preguiçosa, ou da incapacidade de cuidar do corpo. [Gabyanna Negra e Gordas] (ROCHA, 2019, p.16)*

*XIV - "O peso das palavras / Já tentei ver, pegar ou simplesmente ignorar / O peso das palavras não é algo que possa pegar/ e jogar no rio do esquecimento, / é só algo que está lá. / Não dá pra fugir ou fingir inexistência / mas ao contrário / cada vez é mais difícil / me vejo sem motivo para continuar, /pois não importa aonde eu vou, / não consigo fugir do que habita dentro de mim. / O peso das palavras carrego no meu peito/ O peso das palavras tomou conta do que restava dos meus sentimentos / Não sei se*

*consegurei seguir/ Mas eu sei que aonde eu  
esteja, / O peso das palavras continuará dentro de mim.”.*  
*[E. P. em um exercício de escrita]*



I - Idiota é uma pessoa que fala e pensa de jeito egoísta porque só se importa com ela mesma.

II - Quando chamo alguém de idiota quero dizer que demora a entender, que não vai chegar ao nível dos outros e que é insuficiente, meu objetivo é rebaixar a pessoa para me sentir melhor mesmo não sendo.

*III- Então quem era você? Eu vi sua estatura, a cor do seu cabelo, mas não consegui ver seu rosto com clareza suficiente. Ainda sim, você se entregou, Tyler. No dia seguinte, na escola, eu fiz para um monte de gente a mesma pergunta: — Onde você estava ontem à noite? Alguns disseram que estavam em casa, ou na casa de um*

*amigo. Ou no cinema. O que é que te interessa? Mas, você, Tyler, você veio com a resposta mais defensiva — e interessante — de todas: "O quê, eu? Em lugar nenhum." E, por alguma razão, contar para mim que não estava em lugar nenhum fez seus olhos se retorcerem e sua testa começar a suar. Que idiota você é, Tyler. Ei, pelo menos, você é original. E, pelo menos, parou de rondar minha casa. Mas sua presença, Tyler, ela nunca foi embora. Depois das suas visitas, fechei as persianas vedando-as ao máximo todas as noites. Tranquei as estrelas do lado de fora e nunca mais vi os relâmpagos. Todas as noites eu simplesmente apagava as luzes e ia para a cama. Por que você não me deixou em paz, Tyler? Minha casa. Meu quarto. Deviam ser lugares seguros para mim. Seguros contra tudo que estivesse do lado de fora. Mas você foi a pessoa que tirou tudo isso de mim. Bom... nem tudo. [Hannah Baker, em 13 porquês] (ASHER, 2009, p.78)*

IV - Era dezembro, um dia quente estava na décima aula do dia. (Ok, nada justifica!). Um aluno segurava a porta do lado de dentro da sala, alunas tentavam entrar. E meu sangue subia nas veias. Dou um grito! A porta se abre

E sem titubear digo: tinha que ser o idiotão! Antes de terminar a frase eu já tinha me arrependido. No entanto, nunca consegui pedir desculpas e admitir o erro.

V - Quando mais nova tinha o péssimo hábito de julgar as pessoas por sua aparência física. Com o tempo percebi o quanto estava sendo idiota ao fazer isso. Hoje em dia eu entendo que não devemos fazer esse tipo de julgamento antes de conhecermos as pessoas. Talvez a idade e a própria sala de aula tenham me ensinado a lidar com as diferenças.



I - Durante toda adolescência os professores me chamavam de infantil. Ficava muito puto. Hoje quase adulto, acho que ser infantil não é ruim. Se me chamavam de infantil era por adorar brincadeiras. Ok! Acho que prefiro ser criança mesmo, vida de adulto é muito chata.



*I - A injúria me faz saber que sou alguém que não é como os outros, que não está na norma. Alguém que é (...) estranho, bizarro, doente. Anormal. (...) Um gay apreende a sua diferença sob o choque da injúria e seus efeitos, dos quais o principal é seguramente a conscientização dessa dissimetria fundamental instaurada pelo ato de linguagem: descubro que sou alguém de quem se pode dizer isto ou aquilo (...). (ERIBON, 2008, p.28).*

II - Calúnia, brincadeira, difamação, agravo, dano, estrago, ataque, desfeita, insulto, ferimento, pirraça. Abuso, afronta, provoca, atinge, xinga, ofende, estigmatiza, descompõe, maldiz, vocífera, amaldiçoa, destrata, desacata, fere, constitui, pragueja.

personalidades, destroça, descontrói, reconstrói, dói,  
maltrata, lesiona, contraria, animaliza, danifica,  
escangalha, quebra, interrompe, paralisa, dificulta,  
violenta, indigna, choca, golpeia, paralisa...

Dói!

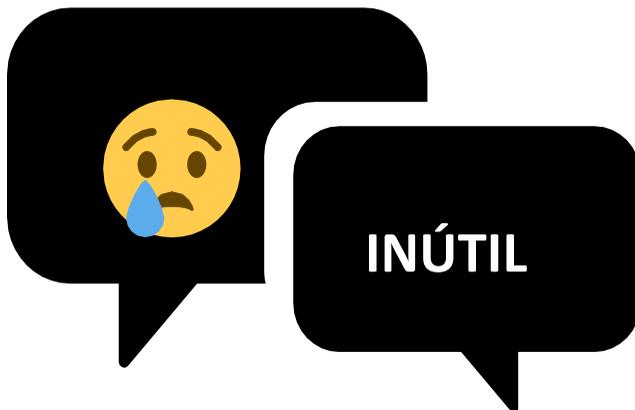
Destrói...

Reconstrói!

Dói...

Revolta...

Ressignifica!



I - "Nem para pendurar o trabalho, você serve". Parece uma frase tola, mas me machucou muito, desse dia para frente nunca me cobrei tanto, em toda minha vida nunca tive crises tão forte como as de agora, me senti tão incapaz e qualquer coisa que eu errasse, essa frase vinha na minha cabeça junto com aquela palavra: inútil. Talvez essa palavra seja forte de algum modo, elas não disseram literalmente que eu sou inútil, mas disseram que sou incapaz, que nem para aquilo eu servia...



I - Nem sempre é regredir, perder mais tempo de sua vida, às vezes é dar uma nova chance não só para o relacionamento, mas para quem você mais quer estar no mundo, é ter a chance de consertar os problemas de intrigas e procurar novas soluções, é criar novas lembranças e usar de experiência cada uma delas.



I - Uma professora nos chamou de lesados. A sala ficou muito brava e chamou o diretor. Quando ele veio ela respondeu:

– São lesados mesmo! Estão sendo lesados no direito de aprender. Enquanto eu tento dar aula, ficam bagunçando!

Ficamos sem reação!



I - Quando me chamam de lésbica não me sinto ofendida, o que há de ofensa em gostar de alguém do mesmo sexo que o meu? O que há de errado em não se esconder? Isso para mim é um elogio.

II - Mulher que ama sem medo de ser feliz!

III - Pode gritar ao mundo, eu sou lésbica! Eu sou o que sou, e ninguém vai me calar.

IV - Talvez o que preciso pensar é o que define ser lésbica. Se for o desejo que se orienta apenas pelo corpo feminino (e não entendo corpo feminino, apenas por corpos que tem uma vulva), eu não sou lésbica. Meu desejo orienta para corpos. Como costumo brincar, eu gosto é de gente. A ideia de me colocar como lésbica ou bissexual, me parece extremamente limitadora. E se seu objetivo for me injuriar: perdeu seu tempo! Quando me gritam lésbica, sapatão só consigo pensar nas mulheres que deram suas vidas para que hoje eu possa ser quem eu sou, para que eu possa amar. Viva Audre Lorde! O que para você pode ser uma injúria para mim é motivo de orgulho. Orgulho de ser quem sou, e que apesar da violência não baixarei a cabeça e não deixarei que o medo me domine!



**LOUCA!**

I - Muitas vezes usada para desestabilizar o interlocutor. Fui chamada de louca por um coordenador ao questionar a postura dele diante das alunas. Ao levar ao caso a outras instâncias, fui acusada de ser louca. Com/para esse tipo de homem sempre serei louca.

II - Louca! Adjetivo favorito de homens que fazem merda e querem culpar a mulher por isso. Quando alguém disser que alguém é louca. Investigue o que ele causou na vida dessa mulher.

III - Louca? Só tenho uma história muito diferente da sua.

IV -

*Triste, louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal*

*A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina*

*Só mesmo, rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar*

*Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar*

*Um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define (você é seu próprio lar)*

*Ela desatinou, desatou nós  
Vai viver só  
Ela desatinou, desatou nós  
Vai viver só*

[Triste, Louca ou má!, música de Juliana Stassacapa.  
Indicada ao 18º Grammy Latino na categoria Melhor  
Canção em Língua Portuguesa]



I - Só por que a pessoa nasceu com uma cor diferente da sua você vai chamá-lo de macaco?

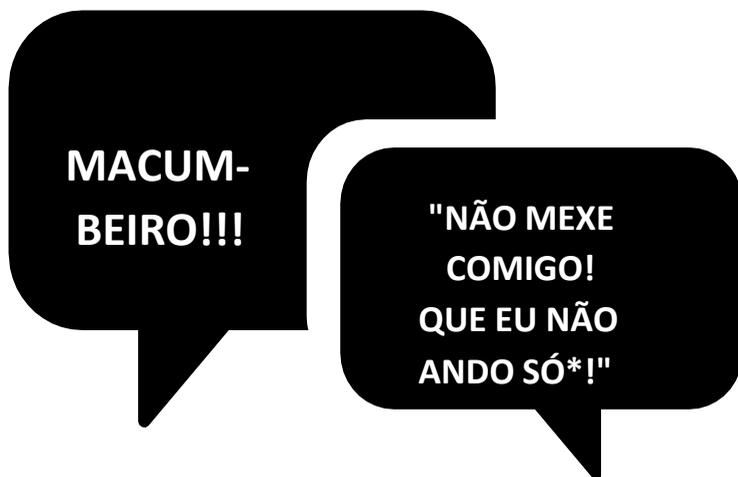
II - Me chamam de macaca pela minha cor. Mas se for pra ser humana e ser como eles, prefiro ser macaca!

III - Tem a ver com minha cor! Por muito tempo não quis ser preta. Hoje tenho maior orgulho. Obrigada Djamila, obrigada Chimamanda, obrigada Tula Pillar, obrigada

Angela Davis. Obrigada mulherada preta, pobre e periférica.

IV - “Macaco!!! Só entrou na faculdade por causa das cotas!!”

Que bom que minimamente as cotas para os negros lançam luz para tantos anos de injustiça e segregação. Não é o bastante, e muito mais precisa ser feito!



I - O que é ser macumbeiro pra você? Uma pessoa que cultiva o demônio? Para mim ser umbandista é ter fé naquilo que as pessoas odeiam, não é fácil lidar com pessoas hipócritas todos os dias, mas é engraçado ouvir elas dizendo que eu vou para o inferno, mas quando elas precisam de ajuda elas batem na porta do terreiro. Ser "macumbeiro" é acreditar no impossível, se ser macumbeiro é ir para o inferno, o inferno é meu lar.

\* Referência à música "Não mexe comigo", composta por Paulo César Pinheiro e Maria Bethânia, sucesso na voz da compositora indicada ao Grammy Latino na categoria: Melhor Música Brasileira.

II - Isso me faz dar muita risada, pois pessoas burras que não estudam, não sabem, que macumbeiro é quem toca um instrumento de origem africana (parecido com um reco-reco), e que macumba não é uma religião, e sim um instrumento!

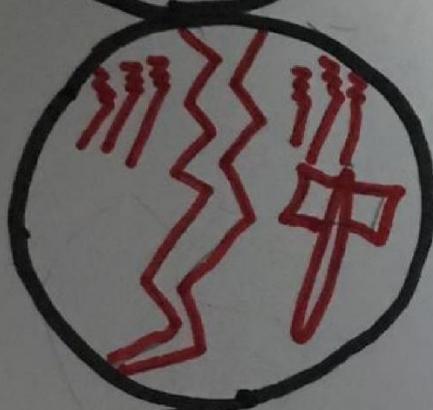
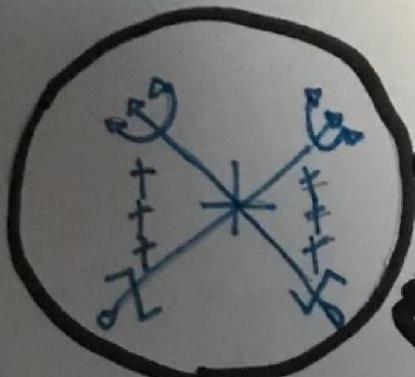
III - “— Macumbeira que só faz coisa ruim”

Dentro do terreiro me doo por inteira.

Por mim? Sim, mas não somente. É bem pouco para mim na verdade.

Dentro do terreiro vivencio amor, doação, caridade pelo próximo e até pelas entidades que trabalham a serviço da luz buscando também suas evoluções espirituais.

Falar de ruindade, maldade, dentro de um trabalho que só vejo e sinto luz me causa tristeza.





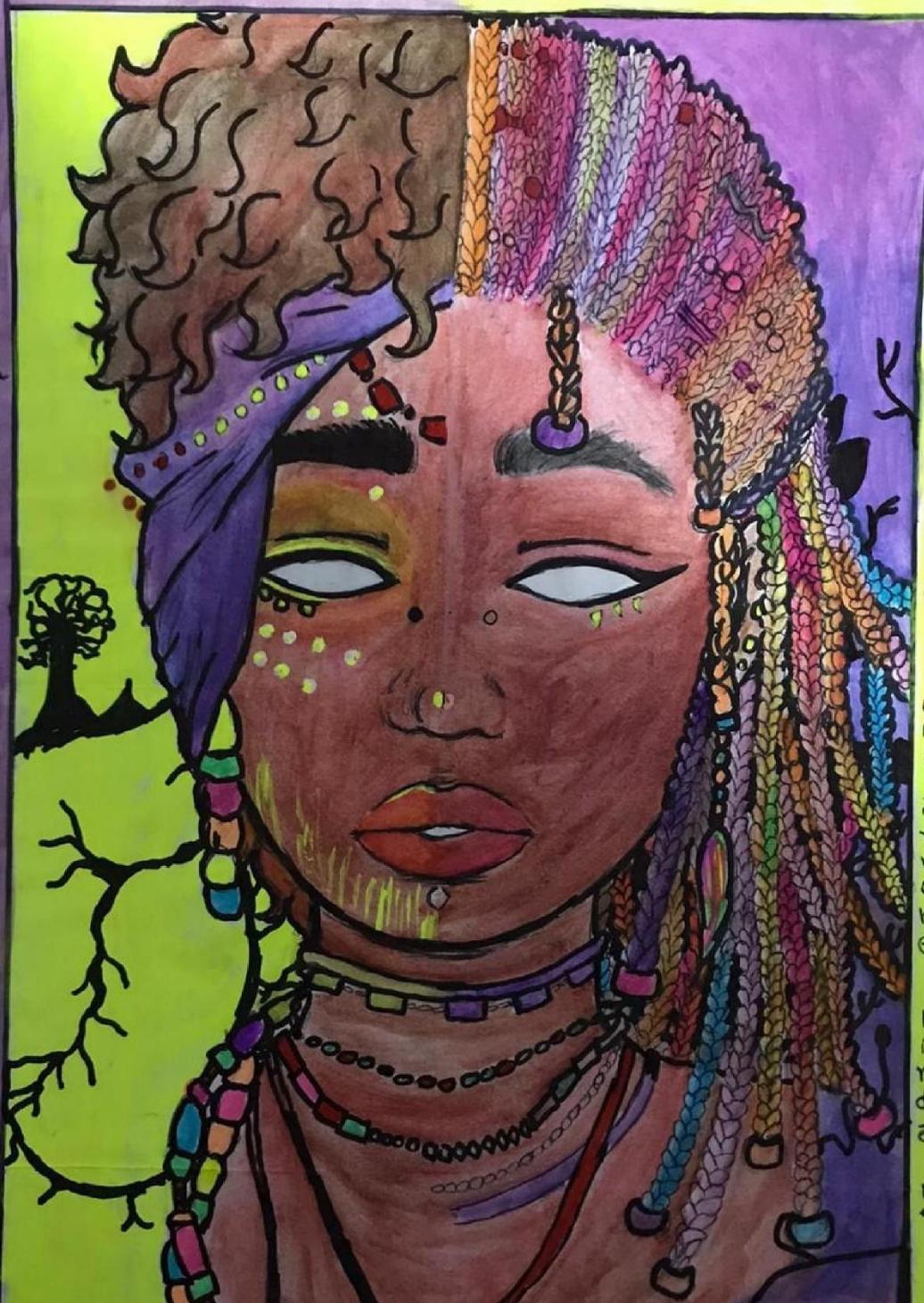
I - Para mim essa palavra significa não estar no corpo certo para a sociedade. E através desta simples e pequena palavra vem a depressão, ansiedade e autoestima baixa.

II - Não é um xingamento, mas o termo é utilizado como forma de crítica, fazendo-me interpretar de que eu teria que ter um peso "adequado" para não ser julgado e ser aceito numa sociedade igual sem distinção de etnia, raça e aparência. Um termo que serve para instruir uma pessoa a mudar o jeito que ela é, ou seja, mudar sua fisiologia pela não aceitação da sociedade



I - Quando digo Marmita, talvez eu queira dizer puto. Assim como os homens xingam as mulheres de "puta" e "vadia" por pegarem muitos homens, nós mulheres também usamos injúrias para xingar os homens "marmita, rodado, galinha", para ofender e até para nos sentirmos superiores por nos igualarmos a eles.

செய்தியைச் சான்ற செய்தி



செய்தியைச் சான்ற செய்தி



I - Eu ouvi de uma colega professora. Aquilo me incomodou profundamente, mas não tive reação! Não consegui dizer que ela estava errada! Que aquilo era inadmissível. De algum modo me senti conivente.

Mongol é um termo racista. Mongol é quem nasce na Mongólia. Daí começaram utilizar como termo pejorativo. Hoje ouvimos esse termo muitas vezes usado com insulto relacionado a deficiências cognitivas! Esse comportamento é inadmissível. Mas vindo de uma professora que lida com diferenças o tempo todo é muito mais doloroso.





*I - Uma vez essa mulher - nós estudamos juntas e ficamos amigas mesmo depois da escola -, e um belo dia tivemos essa conversa sobre pessoas negras e eu disse a ela como é ser negra aqui [na Alemanha] e que não é fácil para mim ser sempre a única negra. E ela disse: “Bom, mas para mim você não é negra! Eu não acho que você seja negra! Eu até me esqueço que você é negra!” e... ela disse aquilo como se estivesse me fazendo um favor. Mas eu sou NEGRA! Isso era o que minha mãe adotiva fazia todo o tempo, negava que nós éramos crianças negras, eu e meu irmão. Ela não dizia nada, ela nunca disse uma palavra... nós nunca conversávamos sobre isso quando eu era pequena. [Grada Kilomba em Memórias das Plantações] (KILOMBA, 2019, p.145).*

II - Algumas pessoas me questionam por que defendo o feminismo interseccional. Muitos (nos masculino mesmo) acham que o maior problema é classe. Quando alguém quer me ofender, não me chama de pobre. A raça vem antes de qualquer coisa. Na escola ou na universidade, as pessoas me chamam de aquela negra, negrinha metida. É assim que tentam me ofender. Se ter mudado o ciclo da história, e alcançado espaços que a sociedade disse que eu não alcançaria é ser metida. Então me chamem de preta metida!

*III - Gritaram-me Negra!*

*Tinha sete anos apenas,  
apenas sete anos,  
Que sete anos!  
Não chegava nem a cinco!  
De repente umas vozes na rua  
me gritaram Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra!*

*“Por acaso sou negra?” - me disse  
SIM!  
“Que coisa é ser negra?”  
Negra!  
E eu não sabia a triste verdade que aquilo  
escondia.  
Negra!  
E me senti negra,  
Negra!  
Como eles diziam  
Negra!  
E retrocedi  
Negra!  
Como eles queriam  
Negra!  
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos  
e mirei apenas minha carne tostada  
E retrocedi  
Negra!  
E retrocedi . . .  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Neeegra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
E passava o tempo,  
e sempre amargurada  
Continuava levando nas minhas costas  
minha pesada carga  
E comopesava!...  
Alisei o cabelo,  
Passei pó na cara,  
e entre minhas entranhas sempre ressoava a*

*mesma palavra*  
*Negra! Negra! Negra! Negra!*  
*Negra! Negra! Neeegra!*  
Até que um dia que retrocedia, retrocedia e que  
*ia cair*  
*Negra! Negra! Negra! Negra!*  
*Negra! Negra! Negra! Negra!*  
*Negra! Negra! Negra! Negra!*  
*Negra! Negra! Negra!*  
*E daí?*  
*E daí?*  
*Negra!*  
*Sim*  
*Negra!*  
*Sou*  
*Negra!*  
*Negra*  
*Negra!*  
*Negra sou*  
*Negra!*  
*Sim*  
*Negra!*  
*Sou*  
*Negra!*  
*Negra*  
*Negra!*  
*Negra sou*  
*De hoje em diante não quero*  
*alisar meu cabelo*  
*Não quero*  
*E vou rir daqueles,*  
*que por evitar - segundo eles -*

*que por evitar-nos algum dissabor  
Chamam aos negros de gente de cor*

*E de que cor!*

**NEGRA**

*E como soa lindo!*

**NEGRO**

*E que ritmo tem!*

**Negro Negro Negro Negro**

**Negro Negro Negro Negro**

**Negro Negro Negro Negro**

**Negro Negro Negro**

*Afinal*

*Afinal compreendi*

**AFINAL**

*Já não retrocedo*

**AFINAL**

*E avanço segura*

**AFINAL**

*Avanço e espero*

**AFINAL**

*E bendigo aos céus porque quis Deus*

*que negro azeviche fosse minha cor*

*E já compreendi*

**AFINAL**

*Já tenho a chave!*

**NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO**

**NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO**

**NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO**

**NEGRO NEGRO**

*Negra sou! (Victoria Santa Cruz, compositora,*

*coreógrafa e desenhista, expoente da arte*

*afroperuanada)*

*IV - Quando fui estudar em outro lugar, minha capa de proteção precisou ficar mais grossa. Às vezes mentia sobre conhecer outras cidades e dizia que meu pai era advogado, e não um trabalhador braçal. Também falava que ele ia me buscar, mas que esperava na outra esquina com o carro porque não conseguia estacionar. Quando me viam no ponto de ônibus, eu alegava que ele estava trabalhando. O fato de ser a única menina negra da sala por anos numa escola de pessoas de outra classe social me fez agir assim.*

*Ser a CDF evitou que eu fosse xingada algumas vezes, mas nunca me protegeu de verdade. Descobri que podia fazer com que os outros alunos, que até então só riam de mim, precisassem de mim. (Djamila Ribeiro em "Quem tem medo do feminismo negro?") (RIBEIRO, 2018, p. 13)*





I - Enquanto eu ouvia o podcast "Praia dos Ossos" da Branca Viana, que narra a história da Angela Diniz, e na imersão desses exercícios propostos pela Nathalia, lembro de uma situação da adolescência. E um apelido que não me incomodava na época, mas era usado só por alguns garotos e nunca na frente dos outros. No fundo eles sabiam que poderia me ofender.

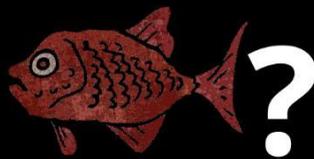
Sempre namorei garotos mais velhos. E esses garotos que me chamavam de ninfeta/ninfetinha no fundo ficavam putos porque eu não dava bola para eles. Hoje me percebo vulnerável naquela idade, diante daqueles homens. Mas quem ganhou apelidos fui eu. Talvez como a Ângela Diniz, para a sociedade eu que transformei aqueles homens e

garotos em vítima. Não quero ser vítima de nada. Mas também não quero ser vilã.



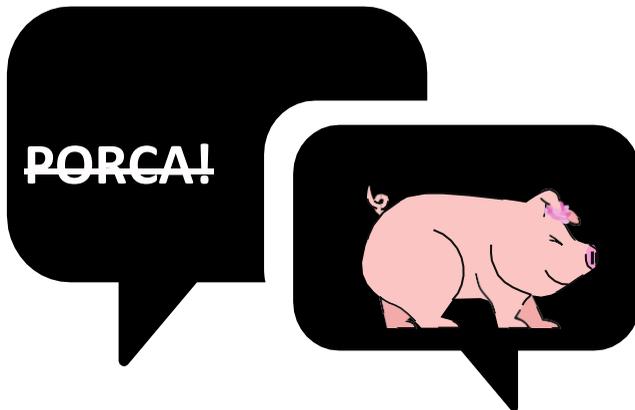
I - Isso pode não parecer uma injúria para você. Mas de um tempo para cá, essa palavra passou a ter uma conotação negativa. Sou uma das mais jovens professoras da escola. E ser jovem gera alguns preconceitos entre as/os colegas. Além de perguntarem o que estou fazendo na educação, muitos acham que devido à minha pouca idade as/os alunos não vão me respeitar e até me assediar. Algumas professoras já disseram que eu deveria usar jaleco. A justificativa? Sou "novinha" e isso mexe com os hormônios dos meninos, e que agora nesse mundo louco (nas falas da professora) mexerei com os hormônios das meninas também.

PIRANHA



I - Para muitos isso seria apenas um ser marinho, mas não é só isso. Ela é utilizada para xingar meninas e ofender garotas que os meninos não conseguiram "pegar".

*II - Hannah Baker não é, nem nunca foi, uma piranha. O que nos leva à seguinte questão: O que foi que vocês ouviram dizer? Eu só queria um beijo. Eu era uma garota do primeiro ano que nunca tinha sido beijada. Nunca. Mas eu gostava de um garoto, ele gostava de mim, e eu ia beijá-lo. A história – toda a história – é essa aí. Qual era a outra história mesmo? Eu ouvi falar alguma coisa. Algumas noites antes do nosso encontro no parque, eu tinha tido o mesmo sonho. Exatamente o mesmo. Do começo ao fim. [Hannah Baker, em Os 13 porquês] (ASHER, 2009, p.25)*



I - Estava na sexta série. A professora pediu que fizéssemos um mapa. Em papel vegetal. Eu não tinha dinheiro para comprar papel vegetal. Passei óleo na folha do caderno de desenho. Não era uma folha vegetal, mas parecia. Terminei de copiar as folhas do livro. Colei as pontinhas das folhas. Na segunda-feira entreguei meu trabalho para a professora substituta. Na aula seguinte a professora de geografia gritava comigo. Disse que por minha causa seus materiais ficaram todo sujo. Que engordurou tudo. Me chamou de porca na frente da sala inteira. Tive vontade de chorar. Mas minha raiva era tanta, que eu sequei. Odeio geografia, odeio mapas. Até hoje não sei o objetivo de copiá-los. Cópia de

mapas para mim só demonstra a incompetência de ensinar a lê-los.



*I - Existe muita coisa que não te disseram na escola  
Cota não é esmola  
Experimenta nascer preto na favela pra você ver  
O que rola com preto e pobre não aparece na TV*

*Opressão, humilhação, preconceito  
A gente sabe como termina, quando começa desse jeito  
Desde pequena fazendo o corre pra ajudar os pais  
Cuida de criança, limpa casa, outras coisas mais*

*Deu meio dia, toma banho vai pra escola a pé  
Não tem dinheiro pro busão  
Sua mãe usou mais cedo pra poder comprar o pão  
E já que tá cansada quer carona no busão  
Mas como é preta, pobre, o motorista grita: Não!*

*E essa é só a primeira porta que se fecha  
Não tem ônibus, já tá cansada, mas se apressa  
Chega na escola, outro portão se fecha  
Você demorou! Não vai entrar na aula de história  
Espera, senta aí, já já dá uma hora  
Espera mais um pouco e entra na segunda aula  
E vê se não atrasa de novo, a diretora fala*

*Chega na sala, agora o sono vai batendo  
E ela não vai dormir, devagarinho vai aprendendo que  
Se a passagem é 3, 80 e você tem 3 na mão  
Ela interrompe a professora e diz, 'então não vai ter pão'*

*E os amigos que riem dela todo dia  
Riêm mais e a humilham mais  
O que você faria?*

*Ela cansou da humilhação e não quer mais escola  
E no natal ela chorou, porque não ganhou uma bola  
O tempo foi passando e ela foi crescendo  
Agora lá na rua ela é a preta do sovaco fedorento  
Que alisa o cabelo pra se sentir aceita  
Mas não adianta nada, todo mundo a rejeita*

*Agora ela cresceu, quer muito estudar  
Termina a escola, a apostila, ainda tem vestibular  
E a boca seca, seca, nem um cuspe  
Vai pagar a faculdade, porque preto e pobre não vai pra USP  
Foi o que disse a professora que ensinava lá na escola  
Que todos são iguais e que cota é esmola*

*Cansada de esmolos e sem o dim da faculdade  
Ela ainda acorda cedo e limpa três apê no centro da cidade  
Experimenta nascer preto, pobre na comunidade  
Cê vai ver como são diferentes as oportunidades*

*E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!  
E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
Que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo*

*E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
Não bote a culpa em mim pra encobrir o seu racismo!  
E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
Que isso é vitimi, que isso é vitimi, que isso é vitimismo*

*São nações escravizadas  
E culturas assassinadas  
É a voz que ecoa do tambor  
Chega junto, venha cá  
Você também pode lutar, ei!  
E aprender a respeitar  
Porque o povo preto veio para revolucionar*

*Não deixe calar a nossa voz, não!  
Não deixe calar a nossa voz, não!  
Não deixe calar a nossa voz, não!  
Revolução*

*Não deixe calar a nossa voz, não!  
Não deixe calar a nossa voz, não!  
Não deixe calar a nossa voz, não!  
Revolução*

*Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai  
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai, é  
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai  
Nascem milhares dos nossos cada vez que um nosso cai  
E é peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!*

*É peito aberto, espadachim do gueto, nigga  
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga  
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga  
Peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!*

*É peito aberto, espadachim do gueto, nigga  
Aberto, espadachim do gueto, nigga  
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga  
É peito aberto, espadachim do gueto, nigga samurai!*

*Vamo pro canto onde o relógio para  
E no silêncio o coração dispara  
Vamo reinar igual Zumbi, Dandara  
Odara, Odara*

*Vamo pro canto onde o relógio para  
No silêncio o coração dispara  
Odara, Odara, ei!*

*Experimenta nascer preto, pobre na comunidade  
Você vai ver como são diferentes as oportunidades  
E nem venha me dizer que isso é vitimismo  
Não bota a culpa em mim pra encobrir o seu racismo*

*Existe muita coisa que não te disseram na escola  
Cota não é esmola!*

*Cota não é esmola!  
Cota não é esmola!*

*Eu disse: Cota não é esmola!  
Cota não é esmola!  
Cota não é esmola!  
Cota não é esmola!*

*São nações escravizadas  
E culturas assassinadas  
É a voz que ecoa do tambor  
Chega junto, venha cá  
Você também pode lutar, é  
E aprender a respeitar  
Porque o povo preto veio revolucionar*

*Cota não é esmola! [Cota não é esmola, música de Bia  
Ferreira]*



I - Achou estranha minha injúria né? Pois é! Eu também não via problema nenhum nesse modo de tratamento.

Em meados de 2015 entrei em uma sala de aula e encontrei um rostinho familiar. Mas só com o tempo descobri de onde eu o conhecia. Sobrinho de um ex-namorado. Vi aquela criança crescer. E com o tempo perdi o contato.

Mantive a relação professora e aluno. Não tínhamos mais contato, e era isso que erámos agora.

Sempre que eu entrava na turma ouvia a palavra prima. Prima, risadas. Seria coincidência essa palavra sempre aparecer? Ao puxar na memória lembro que muitos parentes desse ex me chamavam assim. J. era primo de uma

amiga da escola em que estudei toda infância e adolescência.

Antes de namorar com J. beijei dois primos dele. A partir daí toda a família me chamava de prima. Mais de 10 anos depois, nas palavras de adolescentes do 7º ano descobri o que sempre tentaram me dizer, por eu ter ficado com mais de um homem daquela família. Eu fui considerada prostituta. J. que contou para o sobrinho sobre o apelido "carinhoso" que me deram. Aquelas pessoas que considerei querida por tanto tempo, quiseram me constranger.

Uma mulher, com a postura que seus filhos e sobrinhos tinham, ficou "mal falada". Ser prostituta não é nenhum demérito, mas ser daquela família: é um castigo.



I - É uma palavra muito forte para mim. Esse nome é dado para prostitutas, mulheres que vendem o seu corpo como profissão, mas a maioria das pessoas usam para nomear mulheres que ficam com vários homens.

II - Um julgamento sem sentido, chamar alguém assim é fazer um julgamento, com aquilo que você pensa sobre a pessoa, mas não é assim, conheça antes de julgar!

III - Quando digo que alguém é puta quero dizer que ela não tem valor ou que se vende fácil por qualquer moeda trocada, quero dizer que não tem caráter ou vergonha na cara, quero dizer que se vende a qualquer um que tenha dinheiro.

IV - Injúrias direcionadas a mulheres são faladas todos os dias, em uma sociedade machista que não aguenta ver uma mulher livre e com poder sobre si mesma. Como, por exemplo: Puta, a palavra usada para definir uma mulher livre, dona da sua própria vida e que tem suas próprias opiniões, palavra que infelizmente toda mulher já ouviu pelo menos uma vez em sua vida, não importa qual o motivo, se pegou vários homens, se saiu de roupa curta ou não, ou se estava defendendo seus direitos ela é puta, e por esse motivo eu também sou.

V - Quando alguém quer ofender alguém porque essa pessoa já teve muitos namorados, mas isso não tem nada a ver por que a gente pode namorar quem quiser e quando quiser. Isso para mim não importa, só eu sei quem sou.

VI - Só porque a mulher pega quem ela quiser, muitos chamam ela de puta, por isso. E até mesmo outras mulheres chamam outras de puta, por ela ser bonita e pegar quem ela quiser. E os homens por ter tomado fora, chamam elas de puta.



1 -

Trata-se de produzir, si mesmo, suas próprias representações e, por esse gesto, de se produzir como sujeito (s) do discurso ao recusar ser apenas os objetos do discurso do Outro (ERIBON, 2008, p. 96)

2 - Diante das provocações de Didier Eribon sobre a injúria, ao fim das aulas/conversas convidava o grupo a escrever seus próprios verbetes. Verbetes que tinham a injúria como temática, mas que na narrativa de cada pessoa que a experienciou criou um significado, que fala de experiências com a ofensa ou de resignificação.



## REUNIÕES ONLINE

I - Se você vivenciou a pandemia de covid-19 nas regiões metropolitanas do Brasil, é muito provável que você tenha participado de alguma reunião online. Aula, encontros de família, encontros com amigos e até comemorações. Apesar desse trabalho ter iniciado na sala de aula, com observações dos espaços e do cotidiano de uma escola, ele foi atravessado pela pandemia de COVID-19, e por todas as consequências desta.

O *meet* foi o novo local de encontro. Foi por aqui que fizemos (estudantes e eu) muitas conversas e decidimos estrutura e organização desses verbetes.

Foi em reunião online que aconteceu a conversa sobre injúrias com o grupo docente, gestores e outros membros da comunidade escolar.

*São Bernardo do Campo, 30 de setembro de 2020.*

*Centésimo nonagésimo terceiro dia de isolamento social. A maioria das pessoas já voltaram para seus postos de trabalho, mas nós funcionários da educação nos mantemos em atividades remota.*

*O dia está nublado, mas o ar primaveril tem pairado no ar, nos dando uma sensação de dias calmos, apesar do número de mortos no mundo. Só no Brasil foram 876 mortes (por coronavírus) nas últimas 24 horas, totalizando 143.886 óbitos desde o começo da pandemia. Estamos desde maio na faixa de mil mortes diária. Os números começam a cair, mas não sabemos até quando. Nunca se sabe se é um dia a mais ou a menos que estamos vivendo.*

*Hoje conversei sobre Injúria com o grupo de educadoras e educadores. Pensamos a injúria a partir das nossas experiências, das nossas relações e, sobretudo, da escola.*

*São Bernardo do Campo, 10 de dezembro de 2020.*

*Ducentésimo Sexagésimo Quarto dia de isolamento social [para bem poucas pessoas, em maioria profissionais da educação e artistas]. Hoje me reuni com o grupo de estudantes que deram “vida” a este dicionário. Estão concluindo a terceira série do Ensino Médio. Quando comecei este trabalho, não pude imaginar que nossas aulas iriam para aplicativos de reuniões online. Apesar de postergar, e achar que esse não fosse o melhor modo, descobri que esse seria o único possível.*

*O número de mortes diária está abaixo de mil. Para algumas pessoas há a sensação de que estamos perto do fim.*

*O motivo da reunião é [talvez] um último contato em relação ao nosso dicionário. Essa turma está se formando, então não sei qual outra oportunidade eu teria para pensarmos sobre o dicionário. Conseguimos conversar sobre as imagens, quais seriam usadas, e qual posição elas deveriam ocupar. Sobre as palavras riscadas.*

*Mais do que fechamento de um trabalho, essa reunião foi uma despedida, com aquelas promessas de que continuaremos nos falando, nos vendo e de que visitarão a escola. Mas, no fundo, eu professora e eterna estudante do ensino médio sei que não vai acontecer.*

Gay

Put

Gorda

ESCOVA

ESTADUAL

Vaca

Put

mal

Sapatão

Com



I - Algumas palavras presentes neste dicionário estão riscadas. Assim como no livro “P de Professor”. As palavras que seriam ~~riscadas~~ foram decididas em conjunto por um grupo de estudantes que acompanhou o processo construtivo deste livro. Após algumas conversas e discussões, chegou-se a um consenso: as palavras riscadas seriam aquelas que podem não ser ofensivas, porém, dependendo do contexto e modos como operam, reduzem a xingamento, produzindo diversos efeitos. Ex. Prima, crente, sitiante, fácil e novinha.



I - Quando me chamam de rodada é como dizer que sou de todo mundo ou que já passei por todos, mas e essas pessoas pelo qual passei também são rodadas? Ou só te convém chamar de rodada uma mulher que faz o que quer.

II - Esta palavra está no vocabulário de várias pessoas. Várias pessoas utilizam para falar de garotas que "pegaram muitos garotos (as)". E vamos concordar, que as vezes elas nem fazem isso.



I - Frases como "Você é safada", "essa menina vai dar trabalho", "não tem futuro" matavam minha alma. Fazia algo de errado, criticavam, mas se era algo certo, nenhum elogio. Mas, aprendi a não ligar, sabe eu sei quem sou, e isso basta! Por conta dessas palavras e julgamento, aprendi a não criticar, porque isso mata alguém e em um mundo cheio de pessoas iguais que só julga, aprendi a ser indiferente, e quer saber? Eu gostei!



I - Meninas que gostam de garotas? Eu gosto de garotas, mas calço 34!

II - Sapatão?  
Eu mesma!

Mas eu gosto de meninos e meninas? Será que sou sapatão?

Pra sociedade sim! E foda - se.

III - Enquanto isso na sala dos professores:

— Agora essa modinha de sapatão. Essas meninas querem aparecer. Desde quando escola é para isso?



I - Adjetivo que geralmente é direcionado àquele tipo de pessoa que demonstra em seus gestos, feições, modo de falar, de agir e modo de ser. São reconhecidos por representar certa simplicidade, de tal maneira que apresente uma forma rústica de comportar-se. Também chamados de jecas, roceiros, “pé vermeio”, matuto. Nota-se que suas roupas são amarrotadas, muitas vezes sem nenhum cuidado de assepsia, sendo que seus corpos são embrutecidos pelo trabalho desde tenra idade, cuja pele queimada ao sol traz certo envelhecimento precoce às faces geralmente

carregadas de espécie de cansaço constante, insinuando como quase preguiça congênita. Quando estão na cidade demonstram timidez ao ponto de trazerem sempre a cabeça baixa, escondem as mãos, encostam-se a quaisquer apoios quando param ou ficam de cócoras. Jamais olham nos olhos das pessoas, pois desviam da convivência.

De inteligência limitada devido à carência de formação escolar, utilizam a superstição para tudo, apegam-se aos ditados populares, às crendices e às formas simples de resolver as coisas.

Desde criança ouço ressoar esse termo sitiante como uma maneira de distinguir aquele tipo de gente à qual pertencia. Sentia certo constrangimento, uma sensação de inferioridade...também baixava a cabeça e mantinha espécie de timidez... hoje tenho orgulho e defendo com unhas e dentes esse modo matuto de ser sitiante...



I - Me chamaram assim por causa da minha voz grossa. E quer saber, nem ligo!

II - Já chamei algumas meninas assim, só porque elas têm voz grossa, ou porque se vestem igual homem.

III - Traveco é aquela minha amiga da viela 12. Que metade da escola paga pau, dá uns amassos e depois fala mal.

IV - Se ser traveco é acordar de manhã e decidir o que vou vestir e quem vou ser. Então eu sou traveco!

V - — *Chamo-me Marina Vidal. Tem algum problema com isso?* [Marina Vidal no filme: *Uma mulher Fantástica*]



I - Trouxa é uma pessoa que confia nos outros sem conhecer as pessoas direito porque o trouxa acha que toda pessoa é boa, mas você não tem como saber se essa pessoa é boa ou ruim, o trouxa confia no coração, mas quem não é trouxa confia na própria cabeça

II - Chamei uma pessoa assim porque na hora pensei: "nossa como essa pessoa deixou o "fulano" fazer isso com ele."

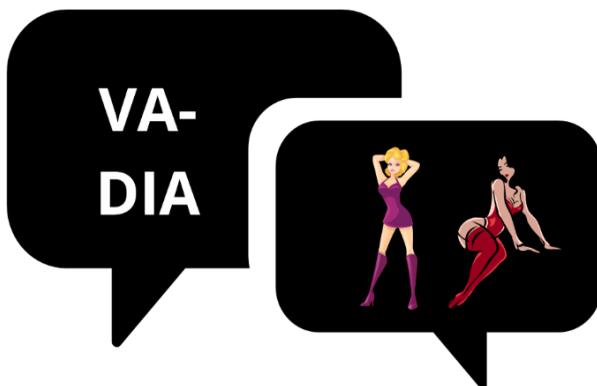


I - Vaca para mim é um animal, mas quando alguém diz que a pessoa é uma vaca, pode ter vários significados, uma pessoa que não presta, de "mal caráter" não é uma injúria que me ofenda. Acho as vacas tão bonitinhas.

II - Um homem que tem esses comportamentos é chamado como? Garanhão?

III - Nunca ouvi diretamente esse xingamento, mas quando mais nova não era o tipo de mulher que a sociedade esperava. Nem fazia tanta coisa assim, mas como não escondia o que fazia, como não escondia meus sentimentos, as pessoas me achavam vadia, vaca, porque

beijava ou transava com quem tinha vontade. O que mais me incomoda nessa situação não é a palavra em si, mas o quanto a vida sexual e a quantidade de parceiros de uma mulher é tão importante para a Sociedade.



I - Ao contrário dessa imagem que você faz de grandes decotes, saia curta e cinta liga. Eu faço o tipo jeans e camiseta desde a adolescência. E foi na adolescência que ganhei o estigma de vadia. Era virgem! Todas as garotas me zoavam por nunca ter transado.

Em uma festa de fim de ano, encontrei o *bad boy* da escola, e por um acaso saímos em uma foto juntos.

Além de *bad boy* ele tinha fama de comedor. Postaram essa foto no extinto orkut, na segunda-feira seguinte as perguntas que não calavam.

Aproveitei a deixa para dizer que tinha transado com ele, para perder o estigma da virgem. Perdi o estigma de virgem, e ganhei o da VADIA. Aprendi que não deveria tentar

atender expectativas e nem fugir dos rótulos. Casei virgem com um colega da escola, e ele nunca se importou com o que falavam de mim.

II - Meu namorado não gostava de me ver com um batom vermelho, pois dizia que eu ficava parecendo uma vadia. Ele também não gostava de me ver usando roupas curtas ou muito justas, porque não gostava que eu atraísse olhares masculinos.

Agora ele é ex. E eu sigo minha vida com sentimento de liberdade. Vou trabalhar com a roupa e o batom que quiser. E quem quiser falar que na minha sala sempre terá pais vindo as reuniões pra me ver. Diga! Não deixarei ninguém determinar a cor do meu batom.



I - Vagabundo é uma pessoa que não faz nada, não ajuda, não faz o serviço que lhe foi entregue por causa de preguiça.

II - Um significado muito diferente de pessoa que não trabalha ou que não faz nada, como é dado aos homens, vagabunda para as mulheres, seria uma mulher que fica com muitos homens ou fazem coisas que são consideradas normais para os homens pela sociedade. Um exemplo, a menina é chamada de vagabunda muitas vezes por não fazer as tarefas domésticas, usar roupas curtas etc.

III- Para mim vagabundo sempre foi uma forma de chamar alguém que não faz nada da vida, mas quando começaram a chamar mulher de vagabunda vem um novo significado. Mulher é chamada de vagabunda por que vai pra uma festa e beija dois na mesma noite, é vagabunda por usar roupa curta ou usar muita maquiagem, mulher é vagabunda por que engravida cedo, mulher é vagabunda por que beija, transa e se apaixona por outra mulher... Mas, vagabunda pra mim é quem não faz nada da vida, é quem está cuidando da vida dos outros e esquecendo a sua, para mim isso é ser vagabundo (a).

IV - Apenas porque acham que a pessoa não faz nada, ou sai ficando com vários, chamam assim, ou talvez, apenas porque não gosta da pessoa, mas se aproxime antes de julgar!

V - Um dia cheguei na escola, com uma calça rasgada no joelho e uma blusa de alcinha. A diretora falou que eu não iria entrar daquele jeito. Diversos alunos viram essa cena. No dia seguinte várias pessoas me chamavam de vagabunda nos corredores, e eu não sabia como lidar. Sou

vagabunda por usar as roupas que gosto? Então sou vagabunda, e ninguém vai me calar.

VI - Palavra usada para ofender as mulheres, na intenção de dizer que ela é oferecida, fácil, que fica com todos ou qualquer um. Quando me chamaram disso eu fiquei muito mal, porque eu sei que não sou, e é justamente essa forma que a pessoa achou para me atingir, pois ninguém gosta quando é rotulado de algo que não é.

VII - Ofensa com ambos os sentidos, mulher/jovem que não trabalha e mostra desinteresse para coisas "essenciais" para a sociedade como prestar vestibular, procurar um bom emprego, fazer cursos e mais cursos; outra situação é quando se envolve (sexualmente) com várias pessoas ao mesmo tempo

parece um viado

meninha

minha  
menina

Eu sou quem  
eu sou

Seja  
mais  
homem

mulherzinha

Senhor

Senhor(a)

eu te olho  
independente  
de

XXX

comece  
a





**VELHA/O!**

I - Essa é uma ofensa para muitas mulheres. Na escola ser professora velha tem seus desafios. Quando jovem achava que não era valorizada porque ainda era muito jovem. Agora percebo que a idade não ajudou em nada. Para a chefia sou desatualizada! Para os colegas Feia! E para os alunos, quadrada!

    Será que todos sente-se assim ou eu realmente parei no tempo?

    Não vejo essa mesma cobrança com os professores homens. Ganham apelido de charmoso! Dizem que é como vinho. Mulher só se lasca!



I - Talvez este deveria ser o começo deste livro. No entanto, segui uma ordem alfabética, como são organizados os dicionários. Ao procurarmos o significado de Verbete em dicionários da língua portuguesa, encontraremos o seguinte significado: textos, apontamentos, notas sobre algo. Que dão sentido. Ou significado. Lembro quando entrei no ensino fundamental II e minhas professoras, ao fim dos textos, escreviam: vocabulário. Esse vocabulário era composto por algumas palavras que a maioria de nós não conhecíamos, seguido de seus significados. Com a mudança de ciclo, esse hábito desapareceu, e essa lembrança ficou escondida até o encontro com o “P de Professor”, provocada pelo texto de Karen Rechia e Jorge Larrosa. Fui convidada a escrever os meus próprios

verbetes, dar significados a algumas palavras que de algum modo se relacionavam comigo e com minha vida profissional. Mais do que os significados encontrados no dicionário de língua portuguesa, os verbetes aqui presentes, escritos por mim e por todas pessoas que participaram do processo, condensam, extraem, acumulam, compendiam experiências relacionada às injúrias.



I - Suas palavras pesam em minha memória. Eu preferia esquecer-las. A convivência com você me faz saber que você chama assim quem você odeia. Você odeia o presidente imprudente. Vive chamando-o assim. Quer mesmo que eu acredite que você se importa comigo?



I - Só por que um homem gosta de outros, acontece muitas vezes de virar um xingamento, como por exemplo: viadinho, gay, etc. Todo mundo merece respeito, independentemente de qualquer coisa somos todos iguais

II - As pessoas chamam meninos ou meninas assim só por causa da orientação sexual dele ou dela, mas isso não importa, essas pessoas apenas querem sua liberdade de ser quem elas são. Isso para mim não é nada, falem o que quiser, isso não me abala.

III - Sem me conhecer, ou me perguntar quem sou eu, qual minha orientação, as pessoas me julgam. Apenas pelo meu jeito, me deixando assim com vontade de não aparecer mais em nenhum lugar, pois entendo com isso, que talvez o meu jeito, faça, com que as pessoas, falem essa mentira sobre mim...

IV - A meu ver é um termo maldoso e chocante para um indivíduo que possua diferentes costumes e conceitos de vida comparado a sociedade atual, que interpreta como sendo uma pessoa desvalorizada e que não segue o "padrão" imposto pela sociedade, assim sendo uma pessoa "diferente" para ela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Artigos e Livros:

ASHER, Jay. **Os 13 Porquês**. São Paulo: Ática, 2009.

BAPTISTA, L. Antônio. (1999). **A atriz, o padre e a psicanalista - os amoladores de facas**. In: **Cidade dos sábios** (pp. 45-49). São Paulo: Summus. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto95.pdf>

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. São Paulo: N1.edições, 2016.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro - RJ: Companhia de Freud, 2008.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** Companhia das Letras, 2018.

ROWLING, Joanne. K. **Harry Potter e as Relíquias da Morte**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

MATEBENI, Zethu. (2017). **Perspectivas do Sul sobre relações de gênero e sexualidades: uma intervenção queer.** Revista De Antropologia, 60(3), 26-44. <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.141826>

RECHIA, Karen. & LARROSA, Jorge. **[P] de Professor.** Ed. Pedro e João, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** Companhia das Letras, 2018.

#### **Documentário:**

PERDIDA Hija De Perra. Dirigido por Vincente Barros. Chile, 2010. (23 min.) Disponível em: <https://vimeo.com/32096356>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

#### **Filmografia:**

UMA Mulher Fantástica. Direção: Sebastián Lelio. Alemanha, Chile, Espanha, Estados Unidos: Fabula, Komplizen Film, 2017. 1 DVD (110 min). Título original: Una Mujer Fantástica.

## Músicas:

FERREIRA, Bia. Cota não é esmola. São Paulo: Estúdio Showlivre, 2018. Disponível em: <https://soundcloud.com/biaferreira-music/cota-nao-e-esmola-ao-vivo>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

STRASSACAPA, Juliana. Triste, Louca ou Má. São Paulo: Independente, 2016. Disponível em: <https://soundcloud.com/franciscoelhombreofficial/triste-louca-ou-ma> Acesso em: 02 de maio de 2021.

NGA

FAS STA

RAZO

Elefante

Mchista



VIADO

BODA

LIXO

LIHO GAY

Boioh

Bosta

GAY

Ni TOMAR NO

TA CU

VIADO

POT 6

MAGRA PUA

LADA GARDA

MAGRANA

PUTA

LADO

BOIA

LIXO

FALSA

VIADA

GORDO

VI DO SA

COUA

VENENOSA

COUPO